

RELATÓRIO TÉCNICO

LEVANTAMENTO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO

Área de abrangência do Sistema Cárstico do rio João Rodrigues

Município de São Desidério - BA

Coordenação – Pesquisadora Responsável: **Ma. Lúcia de J. C. Oliveira Juliani**

Equipe Técnica:

- ✓ Ma. Lúcia de J. C. Oliveira Juliani
 - ✓ Ma. Julia Berra
- ✓ Patrícia Marinho – Historiadora com especialização em Arqueologia;
 - ✓ Dra. Marcia Arcuri – Arqueóloga
 - ✓ Job Lôbo - Arqueólogo

São Paulo, setembro de 2012.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
1. OBJETIVOS	5
2. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO ELEMENTO DE ESTUDO.....	6
3. CARACTERIZAÇÃO DO MEIO FÍSICO	6
4. CONTEXTUALIZAÇÃO ARQUEOLÓGICA REGIONAL	8
4.1. O HISTÓRICO DAS OCUPAÇÕES.....	15
4.1.1. O cenário pontual: São Desidério	16
4.1.2. Localização dos sítios na área de abrangência	17
4.1.3. Diagnóstico arqueológico não interventivo: análise preliminar dos sítios visitados	22
5. CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES	49
6. MEDIDAS INDICADAS	50
BIBLIOGRAFIA.....	54

INTRODUÇÃO

O Diagnóstico do Patrimônio Cultural Arqueológico das áreas de influência do denominado *“Sistema Cárstico do Rio João Rodrigues”*, situado no município de São Desidério/BA, Projeto de Pesquisa para a criação de uma Unidade de Conservação (UC) na região, foi realizado em consonância com a legislação vigente que trata dos estudos arqueológicos necessários à proteção de bens arqueológicos em todo o subsolo da União.

Desta forma, o presente relatório técnico traz informações acerca das atividades empreendidas em campo e dos resultados obtidos através da execução das ações investigativas arqueológicas próprias do levantamento não interventivo.

O amparo ao patrimônio arqueológico nacional é de competência do Instituto Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura, o IPHAN é o órgão responsável pela anuência sobre a liberação, a pesquisa e a gestão no que tange ao Patrimônio Cultural Brasileiro, a fim de promover e coordenar o processo de preservação do patrimônio cultural brasileiro visando fortalecer identidades, garantir o direito à memória e contribuir para o desenvolvimento socioeconômico do País.

A Constituição Brasileira de 1988 define o Patrimônio Cultural Brasileiro da seguinte forma:

- Art. 216 – *Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à maioria dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:*

§ 5º – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Assim, a Carta Magna assegura ao patrimônio arqueológico a categoria de patrimônio cultural a ser institucionalmente protegido. Tal condição é reiterada pelo fato do Brasil ser signatário de uma série de resoluções elaboradas em convenções internacionais direcionadas à atualização de conceitos, normas e práticas aplicáveis ao gerenciamento do patrimônio cultural, tais como: a Carta de Atenas, de 1931; a Conferência UNESCO- Nova Delhi, de 1956; a Carta de Veneza, de 1964; as Normas de Quito, de 1968; a 15ª Sessão da UNESCO em Paris, de 1968; a Carta de Nairóbi, de 1976; e a Carta de Burra, de 1980, entre outras.

A Carta Internacional sobre Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios, elaborada em Veneza (1964), enfatiza a importância da ação interdisciplinar no gerenciamento, estudo e preservação do patrimônio edificado, ressaltando a contribuição da pesquisa arqueológica e histórica no processo de intervenção no bem cultural.

A Carta para Proteção e a Gestão do Patrimônio Arqueológico, elaborada em Lausanne (1990) pelo ICOMOS/ICAHN, esclarece, em seu primeiro artigo, que o patrimônio arqueológico deve compreender a totalidade material do produto da ação do homem passível de resgate por metodologias arqueológicas. Deve, dessa forma, abranger todos os vestígios da existência

humana, ou seja, lugares onde há indícios de suas atividades, independente de sua magnitude, podendo ser monumentos, ruínas, estruturas, ou vestígios abandonados de todo tipo; na superfície, no subsolo, ou sob as águas, assim como o material a eles associados.

A Carta de Lausanne (1999) reafirma a importância do patrimônio arqueológico como elemento identificador das raízes sócio-culturais das populações humanas, destacando as políticas de proteção ao patrimônio como mecanismo de preservação e planejamento de intervenções junto ao mesmo. Enfatiza também a importância de medidas legislativas de gerenciamento das ações referentes à manutenção da integridade dos sítios arqueológicos.

A preservação dos recursos arqueológicos do país, especificamente, também é oficialmente assegurada por um vasto corpo legislativo que vem sendo aprimorado ao longo do tempo, sobretudo com a adoção de medidas mais eficazes, incluindo algumas de caráter punitivo, visando garantir o gerenciamento e a manutenção do acervo arqueológico nacional. O patrimônio arqueológico brasileiro é um bem público sob a tutela da União, reconhecido e protegido pela legislação, tendo por gestor o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

A legislação específica que rege esse tema está representada pelos seguintes atos:

- Lei nº. 3.924, de 26/07/1961, que proíbe a destruição ou mutilação, para qualquer fim, da totalidade ou parte das jazidas arqueológicas, o que é considerado crime contra o Patrimônio Nacional;
- Resolução CONAMA nº. 01, de 23/01/1986, que estabelece que os sítios e monumentos arqueológicos devam ser objeto de consideração para a emissão das licenças Prévia, de Instalação e Operação de empreendimentos que causem impacto significativo ao meio ambiente;
- Portaria SPHAN / MinC nº. 07, de 01/12/1988, que normaliza e legaliza as ações de intervenção junto ao Patrimônio Arqueológico Nacional;
- Portaria IPHAN / MinC nº. 230, de 17/12/2002, que define o escopo dos estudos arqueológicos a serem desenvolvidos nas diferentes fases de licenciamento ambiental.

Ainda na esfera local, o primeiro volume do *Guia de Orientação aos Municípios – Legislação para a Proteção do Patrimônio Cultural na Bahia* – produzido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Bahia (IPAC), define, no capítulo “Proteção ao Patrimônio Arqueológico: Competência Comum dos Entes Federativos”:

“Cabe ao município detentor de patrimônio arqueológico, dentre outras obrigações:

- ❖ *Promover a salvaguarda dos sítios arqueológicos;*
- ❖ *Contribuir para a formulação da política de preservação do patrimônio cultural;*

- ❖ *Propor **normas e procedimentos**, refletindo a pluralidade e diversidade cultural brasileira, divulgando a existência de seu patrimônio cultural (**grifo nosso**);*
- ❖ *Estabelecer um constante diálogo com os entes da administração federal e estadual, uma vez que se trata de responsabilidade de todos estes, de natureza irrenunciável e cumulável.”*

Portanto, em conformidade com as diretrizes normativas e operacionais fornecidas pelos instrumentos supracitados, o desenvolvimento do presente estudo buscou identificar nas áreas de influência da unidade de conservação proposta, nas cavernas e suas imediações, a ocorrência de bens caracterizados como patrimônio cultural arqueológico e os eventuais impactos que podem ser gerados decorrentes das ações de implantação desse território de proteção legal.

Cabe salientar, que o levantamento de campo realizado foi devidamente comunicado ao IPHAN, tendo sido realizadas apenas pesquisas de caráter não interventivo, conforme estabelecido pela Portaria IPHAN / MinC nº 230.

1. OBJETIVOS

O presente relatório apresenta o detalhamento das atividades de diagnóstico não interventivo e os resultados da avaliação de risco sobre possíveis impactos que podem vir a ser causados ao patrimônio arqueológico da área em estudo, como forma de subsidiar a definição do perímetro a ser protegido, mediante criação de Unidade de Conservação de Proteção Integral. Assim, o trabalho realizado pautou-se na realização de um mapeamento detalhado do potencial arqueológico das áreas de abrangência do estudo e da região.

Resumidamente, os objetivos específicos do diagnóstico arqueológico realizado foram:

- ✓ Localizar e caracterizar sítios e bens materiais arqueológicos de interesse ao Patrimônio Cultural da União que possam existir na área de abrangência do sistema cárstico do rio João Rodrigues, São Desidério-BA;
- ✓ Alertar para a potencialidade de destruição e/ou descaracterização dos bens culturais eventualmente localizados, de forma a minimizar ou evitar os ocasionais impactos negativos, a partir da definição do perímetro a ser protegido pela Unidade de Conservação;
- ✓ Fundamentar, pela ótica da legislação de proteção ao patrimônio arqueológico brasileiro, as medidas de mitigação de impactos na área, de modo a promover que os registros culturalmente contextualizados possam ser incorporados à Memória Nacional.

2. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO ELEMENTO DE ESTUDO¹

Um dos componentes de relevância científica da área cárstica de São Desidério é o seu elevado potencial de contribuição aos estudos sobre o passado de populações que ocuparam o sudoeste da Bahia num período que remonta há pelo menos dez mil anos. Esses grupos humanos pretéritos interagiram intensamente com a paisagem exuberante de paredões, cavidades subterrâneas, dolinas, sumidouros e drenagens. Por aí caçaram e plantaram, obtiveram os materiais necessários à sua sobrevivência e registraram sua visão de mundo, deixando-nos um legado de magníficas pinturas e gravuras, produzidas sobre distintos suportes rochosos, a partir das mais variadas técnicas.

Considerando-se que raramente São Desidério foi alvo de pesquisas sistemáticas, o presente diagnóstico teve por fundamento pesquisas arqueológicas desenvolvidas em áreas contíguas ou próximas ao local, nas quais se pode observar um denominador ambiental comum.

3. CARACTERIZAÇÃO DO MEIO FÍSICO²

Contextualizações em arqueologia exigem a apresentação do cenário ambiental com que os diversos grupos humanos interagiram porque, diferentemente do que ocorre no mundo atual, todo o espectro da sobrevivência humana era mediado pelas condições materiais objetivas do meio, o que não implica em explicações deterministas. Nunca é demais lembrar que toda a superestrutura – econômica, política e espiritual - é uma criação cultural e histórica que depende de inúmeros fatores que vão além do ambiente.

É fato que condições ambientais permitiram ou induziram a movimentações populacionais que ocorreram na pré-história, sendo uma das preocupações da arqueologia elucidar como se deu a apropriação dos ambientes naturais, como e porque teria ocorrido a ocupação e a conquista de novos territórios, desde a colonização inicial do continente americano e a mobilidade dos caçadores coletores por extensos territórios até a consolidação do sedentarismo dos que habitavam aldeias de grandes dimensões, já praticando horticultura, como foi o caso das populações pretéritas no sudoeste baiano.

Sob a perspectiva dos grandes compartimentos geológicos, os domínios presentes em São Desidério são a Cobertura Sedimentar Sanfranciscana e o Cráton de São Francisco. A primeira compõe-se de rochas sedimentares originárias de depósitos eólicos, assentadas sobre rochas do Grupo Bambuí. É um domínio que representa 95,9% da área, constituído por chapadas e planícies de baixa declividade. Já o Cráton tem sua litologia formada por rochas metamórficas e ígneas e granitóides associados. É formado por depressões interplanálticas e abrange 4,1% do município.

¹ Texto adaptado de material fornecido pelo contratante dos serviços de arqueologia.

² Idem a anterior.

O nível classificatório correspondente às regiões geomorfológicas refere-se à gênese dos processos formadores dos conjuntos litoestruturais, formações superficiais e fitofisionomias. São as Chapadas do São Francisco e as depressões da margem esquerda do São Francisco. As Chapadas do São Francisco (84,1% da área) são formações planas e descontínuas, devido aos processos erosivos atuantes. Apresentam-se bordejadas por escarpas e ressaltos dos modelados de dissecação. Já as Depressões ocorrem em áreas planas inclinadas e com leve concavidade e áreas mais erodidas expostas. O cerrado é a vegetação típica dessas regiões.

Dentro dessa classificação abrangente situa-se a subdivisão que mais interessa à arqueologia. São nove unidades geomorfológicas identificadas no município, cabendo destacar entre elas os **chapadões**, que são as porções mais elevadas do relevo, com feições aplanadas e comumente com a presença de escarpas nas bordas. Constituem 75,5% da área do município. Assentados sobre as rochas sedimentares de formação Urucuia, são o pano de fundo dos assentamentos pré-históricos, terrenos escolhidos para os aldeamentos antigos, de onde afloram fragmentos e urnas cerâmicas quando o solo é revolvido por agricultores ou pastores. As **frentes de recuo erosivo** são as porções de relevo com processos erosivos atuantes, encaixadas entre a chapada ou escarpas e bases de vertentes. Aí estão os abrigos sob rocha, locais de alto significado simbólico, já que suas paredes contêm os registros gráficos pré-históricos. Já as **rampas**, que se apresentam em 8,1% da área do município, são as formações de acumulação dispostas entre os chapadões e as planícies. Foram locais de obtenção de matéria prima, como cascalheiras, para a produção dos instrumentos líticos indispensáveis aos caçadores coletores e aos grupos horticultores que lhes sucederam na ocupação dessas paisagens.

O homem pré-histórico certamente contemplou, no sudoeste baiano, paisagens geológicas muito semelhantes às que tanto nos impressionam hoje. Entretanto, as condições climáticas e ambientais, num senso mais amplo, se modificaram bastante ao longo dos últimos 13 mil anos, alternando períodos com diferentes composições entre temperatura e umidade. Com base em vestígios faunísticos e polínicos, assume-se que ao longo dos últimos quatro milênios a macro região onde se insere São Desidério tenha assumido as configurações climáticas e de vegetação similares às atuais.

O clima em São Desidério é comumente classificado como sendo do tipo Aw, tropical com chuvas de verão. A temperatura anual varia entre 17°C e 37°C, também em função da altitude – sendo superiores nos vales. As mais altas temperaturas ocorrem em outubro em razão da baixa nebulosidade, baixa umidade do ar e do regime de ventos quentes e secos do nordeste. O índice de pluviosidade atinge 1700 mm/ano, ocorrendo a maior precipitação entre novembro e janeiro. O período de seca compreende os meses de maio a setembro. A perenidade da rede hídrica, geralmente abastecida por águas subterrâneas é garantida pelos arenitos Urucuia que dominam nas nascentes dos rios inseridos nas bacias do Rio Grande, Rio das Fêmeas e Rio Corrente.

Esses arenitos da formação Urucuia sobrepostos às rochas do grupo Bambuí se estendem por 300 mil km², abarcando os estados de Minas Gerais, Goiás e sul do Tocantins. Conforme mencionado, a geologia regional compreende depósitos eólicos compostos por cascalhos e areias, e ainda rochas metamórficas e seqüências de calcários com intercalações de pelitos e margas. Terrenos constituídos de rochas carbonáticas e submetidos à alta pluviosidade –

presente ou passada – são os pré-requisitos para a formação de relevos cársticos, um tipo de relevo geológico caracterizado pela dissolução química das rochas que leva ao aparecimento de cavernas, grutas, dolinas, rios subterrâneos, paredões rochosos expostos e lapiás. Portanto, por uma extensão territorial considerável, a paisagem assimilada pelo homem, hoje ou no passado, incluiu um sistema de grutas e cavernas certamente incorporado ao cotidiano de sobrevivência, de forma pragmática, enquanto abrigos de ocupação sazonal e também de forma simbólica, como atestam os cemitérios e os registros rupestres encontrados em seu interior.

A cobertura vegetal dominante é o cerrado. No município são identificados o cerrado sentido restrito, matas galeria, veredas, campos úmidos e porções de transição entre cerrado e caatinga e florestas submontanas que ocorrem sobre rochas carbonáticas e pelíticas. Define-se o cerrado como uma vegetação xeromorfa, com fisionomias que variam do arbóreo denso ao gramíneo lenhoso. Sua composição florística é heterogênea, com uma grande quantidade de espécies identificadas. É importante salientar que o cerrado é o sistema biogeográfico da América do Sul que apresenta a maior variedade de frutos comestíveis.

Esse é o cenário ambiental da ocupação humana, pelo menos ao longo dos últimos milênios, no sudoeste baiano: estações bem marcadas com alternância de períodos secos e úmidos, pluviosidade elevada, paisagem exuberante com abundância de grutas, cavernas e abrigos sob rocha, rede hídrica ampla e perene, cobertura vegetal com oferta abundante de recursos alimentares. Cabe lembrar, no entanto, que essa fartura era sazonal, em função das mudanças que a disponibilidade de recursos para os seres humanos estava condicionada às periodicidades climáticas, às precipitações que são bem marcadas nesse domínio.

4. CONTEXTUALIZAÇÃO ARQUEOLÓGICA REGIONAL

Uma das grandes questões na arqueologia sul americana atual é o processo de colonização do continente, cujas datas de marcação para o seu início vem recuando à medida que novas escavações complementam a base de conhecimentos sobre componentes do Pleistoceno. Um quadro cultural generalizado e consistente com muitas datações já consolidadas existe na Serra da Capivara, sudeste do Piauí, onde uma sequência de ocupações distingue três períodos desde 48 mil anos, até o final do Pleistoceno, há cerca de 12 mil anos. Os artefatos da ocupação mais antiga foram classificados por Niède Guidon (Guidon *et. alli.* 1994) em dois tipos: um corresponde a objetos grandes e pesados, usados possivelmente para a quebra de ossos de animais e outro menor, composto a partir de lascas para o descarte de animais. Na mesma região foram escavados vários sítios com fauna pleistocênica já extinta, cujas espécies, representantes de um clima mais úmido do que o atual, foram caçadas por grupos humanos. Há evidências de que o início da prática de pinturas rupestres ocorreu há 17 mil anos.

A bacia do rio São Francisco foi centro de atração e dispersão, há pelo menos dez milênios, de povos descendentes das primeiras levas de grupos asiáticos que provavelmente adentraram o continente via o estreito de Bering, entre a Sibéria e o Alasca, durante os vários episódios de regressão ou rebaixamento significativo no nível do mar. Isolada do mar e das outras bacias, a

do São Francisco se estende por uma zona onde não houve mata fechada no Quaternário (Prous 1991). Foi uma importante via de propagação cultural, conforme indicam a densidade de sítios arqueológicos, apresentando uma certa homogeneidade da indústria lítica em períodos do Holoceno inicial e médio, bem como a coexistência de um certo padrão de estilos da arte rupestre, com elementos recorrentes ao longo de toda a via fluvial e, também, em áreas mais distantes, como o Tocantins e o Piauí.

O caráter temporal e material das ocupações humanas do sudoeste baiano e áreas contíguas, na transição do Pleistoceno para o Holoceno (há mais de 12 mil anos BP), vem se estabelecendo a partir do resultado das pesquisas acadêmicas e da arqueologia preventiva realizada nos processos de licenciamento ambiental. É provável que o São Francisco, com seus vales amplos e planícies de inundação, tenha sido uma alternativa importante de ambientação aos grupos humanos que experimentavam um período extremamente seco em outras partes do continente naquela época. E mesmo quando o cerrado e sua temível sazonalidade já haviam se instalado efetivamente há vários milênios, o rio e suas cercanias asseguravam a subsistência em todas as estações, com oferta abundante de peixes, matas galerias com espécies frutíferas, etc.

No entanto, há controvérsias quanto a eventuais ocupações pleistocênicas mais antigas do continente americano, sobretudo no Pleistoceno Médio (há mais de 130 mil anos, antes do aparecimento de nossa espécie). Tais ocupações implicariam na presença do *homo erectus*³, se a eles forem atribuídas as evidências encontradas no sítio Toca da Esperança (Beltrão 1988), no município de Central, na margem direita do São Francisco e aproximadamente 300 km a leste de São Desidério. Os vestígios em questão foram revelados sob camadas de sedimentos consolidados do tipo marga, comuns em grutas calcárias como as de São Desidério, e estariam relacionados a portadores de tecnologia e economia rudimentares, anteriores aos chamados caçadores especializados, dos últimos milênios do Pleistoceno e início do Holoceno. São artefatos lascados grosseiramente por percussão violenta, em contraposição aos artefatos confeccionados e retocados por pressão dos períodos mais recentes. O abrigo continha depósitos pleistocênicos de 150 cm de espessura e forneceu datações entre 2.400 e 295 mil anos (C14 e urânio/tório) e uma grande quantidade de ossos de mamíferos pleistocênicos extintos com predominância de equídeos, em relação aos quais a arqueóloga Maria Beltrão (2000) aponta uma série de evidências de que teriam sido trazidos à gruta por seres humanos. Na camada inferior, mais antiga, foram encontrados artefatos líticos em quartzito e quartzo (lembrando que se trata de uma gruta calcária), um perfurador ósseo, círculos de pedra possivelmente associados à formação de fogueiras e ossos fragmentados da mega fauna – preguiças, camelídeos e equídeos - indicando a retirada da medula.

Apesar de a equipe arqueológica responsável pelo Projeto Central ter se cercado de todos os aparatos tecnológicos disponíveis aqui e na Europa para aferição das datações e análises de traceologia, os resultados de datas bastante imprevistas suscitaram sérios questionamentos, sendo o argumento mais recorrente a possibilidade de intrusão de seixos e lascas de camadas

³ Tecnicamente, seria possível que a migração do *Homo erectus*, que se iniciou na África e se estendeu à Ásia, tenha também se direcionado à América, já que houve no Quaternário quatro momentos de esfriamento planetário com formação de glaciares gerando uma plataforma de gelo na Beringia.

da formação Urucuia nas camadas seladas por uma grossa crosta carbonática. Independentemente da polêmica científica, o que interessa por ora é salientar o imenso potencial que grutas carbonáticas têm de fossilizar ossos da fauna pleistocênica e desse modo viabilizar estudos de reconstrução ambiental que investigam a possível interação da fauna extinta com seres humanos.

O Projeto Central percorreu e escavou centenas de sítios arqueológicos, grutas e abrigos em afloramentos calcários e areníticos cobertos de pinturas rupestres de diversos estilos. A própria toca da Esperança forneceu datas entre 2.000 e 6.500 anos AP. Outros sítios da região registraram material cerâmico entre 1.032 e 3.000 anos AP. A pesquisadora identificou com predominância de material pertencente à Tradição Aratu, sobre a qual discorreremos mais adiante. Já os registros esqueléticos humanos passíveis de datação possuem idades entre 4.830 e 1.300 AP. Encontraram-se, ainda, em Jacobina, dois indivíduos morfologicamente semelhantes ao “Homem de Lagoa Santa”, tipo racial identificado na região homônima em Minas Gerais onde o espécime mais antigo teria existido há cerca de 13 mil anos. No entanto, a um dos esqueletos baianos foi conferida uma data muito mais recente: 4.830 AP.

De peso para o aporte ao modo de vida daqueles grupos são as conclusões traçadas a partir dos exames osteológicos: além da óbvia indicação de indivíduos praticantes de intensa atividade física, os pesquisadores concluíram que a alimentação era à base de carboidratos, embora os relatórios consultados para essa contextualização não indiquem quais indivíduos do intervalo datado eram horticultores. De acordo com essas pesquisas, durante três mil anos de ocupação as seguintes espécies estavam entre as principais presas do homem pré-histórico: tatus, mocós, punarés, veados, porcos do mato e macacos.

Ratificando o cenário de ocupações humanas ao longo de pelo menos nove milênios, as escavações e prospecções efetuadas por Pedro Schmitz nos formadores do Rio Corrente, afluente do São Francisco nos municípios de Coribe e Santa Maria da Vitória (130 km ao sul de São Desidério) revelaram cerca de 60 assentamentos pré-históricos, entre abrigos calcários e sítios a céu aberto pré-cerâmicos e cerâmicos. Os resultados dessas pesquisas evidenciaram sequências estratigráficas com a presença de caçadores coletores nessa área da depressão sanfranciscana a partir de 9.500 anos AP, o que levou o pesquisador a formular a hipótese de que as primeiras levas de paleoíndios chegaram ao médio São Francisco a partir do planalto goiano, das cabeceiras do rio e de sua rede de afluentes. Ressalte-se, ainda, que essas pesquisas produziram datações pleistocênicas (entre 16 e 26 mil anos) de lentes de moluscos que podem ter sido consumidos por seres humanos, já que aparentemente associados a pedras lascadas, o que coloca Coribe no mapa dos assentamentos que fundamentam as proposições que recuam o período de ingresso da humanidade no continente americano. No mesmo sítio, o Abrigo do Morro Furado, Schmitz e colaboradores (1996) observaram a continuidade das ocupações no Holoceno com um aumento relativo na frequência dos vestígios líticos e orgânicos sugerindo um uso mais intenso do abrigo. Reduz-se o uso do calcário local e cresce a utilização da calcedônia em ferramentas líticas ainda pouco formais ou padronizadas, embora as “lesmas”, o instrumento típico da Tradição Itaparica sobre a qual discorreremos a seguir, estejam presentes. Os restos de alimentação indicam a caça generalizada de animais de pequeno porte, incluindo-se os moluscos.

As populações de caçadores coletores, de grande mobilidade, mantiveram esse modo econômico pelos milênios seguintes, aqui e acolá, introduzindo modificações em seus artefatos de pedra e em suas preferências alimentares, os vestígios comumente recuperáveis no espaço arqueológico. No mesmo Morro Furado, na Serra do Ramalho, a indústria lítica permaneceu unifacial por todo o Holoceno, geralmente com artefatos expeditos e poucos instrumentos formais, porém houve a introdução de outras matérias primas como o arenito e o quartzito.

Artefatos em pedra têm servido de guia para a inserção temporal desses grupos. As primeiras ocupações do Brasil Central, com sítios escavados no Piauí, leste de Pernambuco e norte e centro de Minas Gerais, revelaram datações entre 13 mil e 11 mil anos AP para a indústria lítica rotulada como Tradição Itaparica, cuja característica principal é a presença exclusiva de artefatos unifaciais alongados (ausência de pontas de flecha), feitos em lâminas estreitas, de tamanho reduzido quando comparado ao que veio depois. Dentre eles se destacam os raspadores plano-convexos sobre lascas, principalmente as chamadas lesmas, geralmente confeccionadas em sílex ou arenito silicificado. Na Bahia, esse *toolkit* de facas e raspadores feitos com seixos abundantes nas margens dos rios, foi encontrado em Sobradinho e Itaparica, e também nas áreas da Serra Geral e na região de Central. Seus portadores seriam caçadores coletores consumidores em especial de micro-fauna: tatus, roedores, gastrópodes e peixes.

A definição de uma Tradição lítica tão abrangente, de modo a englobar 480.000 km²⁴, foi consistente no início das pesquisas arqueológicas no Brasil Central, há algumas décadas, com a observação de certa homogeneidade técnica que produziu artefatos formalmente semelhantes: lascas obtidas por percussão dura, com os gumes arredondados e finamente retocados (refinamento este substituído ao longo dos milênios por intervenções expedientes ou informais). Todavia, a multiplicação de sítios escavados nos últimos anos tem levado a nova geração de pesquisadores a questionar a validade de se colocar sob uma mesma rubrica classificatória todas as indústrias líticas com raspadores e técnica de retoque unifacial. Nesse sentido, novas linhas de pesquisa vêm apontando *“que entre o fim do Pleistoceno e o Holoceno Médio houve um processo de diversificação de estratégias adaptativas implementadas pelos grupos humanos que ocuparam essa macro região, resultando num cenário de regionalização no Holoceno médio associado a diferentes momentos do processo de ocupação do Planalto Central, possivelmente relacionados a mudanças paleoambientais que afetaram a composição e distribuição das principais formações vegetais dessa macro região”* (Bueno 2006). O autor refere-se, por um lado, aos processos de adensamento, de fissão dos grupos pré-existentes e, por outro, aos deslocamentos e contatos de longa distância, os quais conjuntamente moldaram um cenário de incorporação de extensas áreas pela Tradição Itaparica sem que tenha havido uma ocupação densa e efetiva dos locais disponíveis. Na realidade, no longo período em que se encaixa a Tradição observam-se características muito distintivas no que tange à composição dos conjuntos líticos, à distribuição geográfica dos sítios e às condições climático ambientais.

⁴ A descoberta da Tradição Itaparica em dunas no litoral do Rio Grande do Norte libera os caçadores coletores arcaicos do Holoceno da circunscrição espacial exclusivamente em ambientes de cerrado e caatinga.

Para ilustrar o que vimos expondo com dados da Bahia, mencionamos a pesquisa no Abrigo do Pilão, na Serra da Pedra Branca, região de Central (Bryan & Grün 1993). As prospecções focadas nos locais de obtenção de recursos indicaram uma serra nas proximidades (Serra Azul), formada principalmente por quartzitos, como fonte de matéria prima para as ferramentas dos habitantes pré-históricos de Central. Os pequenos instrumentos encontrados no nível datado entre 9.600-8.000 anos AP nunca foram intencionalmente retocados (uma das características *sine qua non* da Tradição Itaparica nesse período). Em vez disso, o material bruto em quartzo e quartzito apresenta uma borda cortante natural. Outros instrumentos e refugo do processo de produção são blocos de quartzo, quartzito, sílex e calcário e, ainda, percutores e *choppers*. Raspadores eram feitos com as conchas de moluscos retirados do rio Verde, nas proximidades, também como recurso alimentar. Ossos transformaram-se em instrumentos e, curiosamente, foram encontradas duas pontas de projétil ainda nessa fase antiga de ocupação, algo muito atípico em termos de Tradição Itaparica. E ainda, corroborando o que já se conhece sobre ocupações ainda mais antigas da região – de grupos portadores de uma tecnologia lítica em que os instrumentos são “matacados”, pesados e rudimentares, os pesquisadores observaram uma separação estratigráfica com uma indústria peculiar em seixos que foi realizada **anteriormente** à principal ocupação do Holoceno inicial acima mencionada.

É interessante relatar o que aconteceu muito tempo depois nesse local: os estratos iniciais, os primeiros 10 cm, com 50% dos artefatos encontrados no abrigo, continham fragmentos de moluscos, lascas utilizadas de quartzo e sílex, percutores em quartzito, lascas grandes em calcário, duas lascas bifaciais, dois machados polidos, ocre e cerâmica com antiplástico de quartzo moído, alguns cacos com engobo vermelho. Em resumo, os arqueólogos concluíram que houve no abrigo quatro ocupações, a mais intensa entre 9600-8000 anos, de caçadores coletores. A última ocupação, há 900 anos, de horticultores ceramistas.

Até 4.000 anos AP a Tradição Itaparica permanece em sítios isolados cujos contextos de continuidade não estão claros. Praticamente em todos os sítios anteriormente caracterizados por conjuntos líticos associados à Tradição há evidências de mudanças tecnológicas. Novas áreas são ocupadas com indústrias líticas expedientes, que se definem pelo aspecto de que existiriam para resolver um problema imediato, sem a preocupação com os retoques das ocupações anteriores. Nota-se a redução na intensidade da ocupação. Essa situação começa a se modificar a partir dos 3000 anos AP e em 2500-1000 AP constata-se a perda da tecnologia lítica conhecida como Tradição Itaparica.

As variações em tão longo período e extensão geográfica são sempre reiteradas. Bueno ressalta que nesse período surgem as primeiras evidências de cerâmica na Amazônia e Piauí, as primeiras evidências de milho no noroeste de Minas Gerais e uma profusão de estilos regionais para os registros rupestres. E, do ponto de vista ambiental, a consolidação da área de abrangência da caatinga no semi-árido nordestino.

Um tema recorrente nas pesquisas arqueológicas atuais é o processo de neolitização no continente, ou seja, como e quando surgiram os povos sedentários ou semi-sedentários conhecedores da agricultura e da cerâmica e cujos vestígios materiais no vale do São Francisco são encontrados preferencialmente em locais de solo mais fértil, em terraços e lugares mais altos que protegem das enchentes e permitem a visualização do entorno (Martins 1998). As

escavações dos sítios baianos – mas principalmente os de Minas Gerais e Goiás – revelam nas camadas anteriores a 3.000 anos AP o surgimento de nova indústria lítica, também da cerâmica e de vegetais cultivados, a intensificação da prática da arte rupestre. Como tudo isso aconteceu não está claro; se houve uma substituição populacional ou uma transição entre os modos econômicos. Na Bahia, a primeira hipótese tem maiores possibilidades de comprovação já que a cerâmica irrompe bruscamente (Ribeiro 2006). O fato é que há cerca de 2000 anos, as tecnologias agrícolas e cerâmicas já estavam espalhadas pelo Brasil Central e em torno do século IX, tanto no litoral como no interior baianos, havia aldeias populosas, estáveis há longo tempo, em que se praticava uma agricultura de mata, cuja existência se deduz da descoberta de numerosos machados e da confecção de recipientes cerâmicos que serviriam para o cozimento de tubérculos como milho, aipim e batata doce.

Em geral há descontinuidades estratigráficas, diferenças temporais significativas e diferenciação nos instrumentos líticos entre as ocupações caçadoras coletoras e horticultoras, conforme atesta o arqueólogo Etchevarne (2000) sobre os grupos que ocuparam a Gruta do Padre nas margens pernambucanas do São Francisco. Os últimos ocupantes do abrigo, que forneceu datações entre 7.600 e 2.300 anos AP, seriam ceramistas já conhecedores da agricultura.

No Sítio do Meio, na Serra da Capivara (Piauí), foram encontrados alguns cacos cerâmicos associados à fogueira datada em 9.000 anos. Entretanto, por tratar-se de um achado isolado, não pode ser considerado como um fato cronológico definitivo. Várias outras ocorrências no Piauí proporcionaram datações de cerâmicas numa amplitude temporal de 3.000 a 1.700 AP, portanto mais consistentes entre si e com cerâmicas relacionadas a ocupações humanas datadas entre 40.00 e 1.300 AP, em Xingó, no Vale do São Francisco. Na Gruta do Padre em Pernambuco, no alto Vale do São Francisco, já existia uma ocupação cerâmica há cerca de 2.300 anos. E em Itacoatiara I, na margem baiana do São Francisco, obteve-se uma datação radiocarbônica da mesma idade. No já citado abrigo do Morro Furado, em Coribe, a cerâmica aparece em estratigrafia desde cerca de 2000 AP, mas é pouco freqüente. Nas camadas superiores encontraram-se cacos de vasilhames utilitários pequenos, globulares e sem decoração, provavelmente manufaturados com acordelamento. As paredes são finas, a superfície externa é alisada, alguns fragmentos sugerem polimento. As aldeias desses ceramistas são encontradas, na Bahia, próximas aos maciços. São sítios no contato da planície sanfranciscana com os afloramentos, nas vizinhanças dos tributários dos rios São Francisco e Formoso. Essa cerâmica foi identificada como pertencente à Tradição Una e, nas camadas superiores do Abrigo do Morro Furado, estava associada a fossas com folhas secas, moluscos, cordas, tecidos, trançados de fibras, sementes de frutos e espécies cultivadas como milho e cabaças.

Diferentemente do que já se descobriu arqueologicamente em outros estados do Brasil Central, existe na Bahia um intervalo mal resolvido entre essas datas tão antigas para grupos que confeccionavam cerâmica e o surgimento de sociedades ceramistas que habitavam em

grandes aldeias⁵. Populações com uma cerâmica muito característica foram identificadas pela primeira vez na baía de Aratu, Recôncavo Baiano, onde se instalaram a partir do século IX. Nesse local, o arqueólogo Valentin Calderón identificou manchas de terra preta que correspondiam a sítios habitação e 54 grandes urnas com enterramentos primários. Os achados repetiram-se no litoral norte baiano num sítio de 20.000 m² com sedimentos espessos indicando longa permanência. As urnas funerárias formavam grupos de dois a três enterramentos, dentro e fora do recinto da aldeia.

Dando continuidade às pesquisas, Calderón identificou vários outros sítios Aratu no litoral norte baiano, ao longo dos rios que desembocam no Atlântico. Cogitando de uma possível interiorização da cerâmica Aratu, o pesquisador prospectou as cabeceiras do Rio Grande em Barreiras, Catolândia e São Desidério onde localizou oito cemitérios Aratu. Considerou como típico da cultura, o sítio BA-RG-3 São Desidério às margens do Rio São Desidério onde se encontraram 25 urnas funerárias durante a escavação de um canal de irrigação. A extensão territorial de ocorrência de um material tão homogêneo confirmou o caráter de Tradição dos achados, cujo ponto definidor básico são as urnas funerárias. Estas são em forma de pêra invertida, algo que globulares, apenas alisadas, em geral sem decoração, a não ser a ondulação obrigatória nas bordas. Nos sítios de São Desidério, uma linha incisa acompanha a abertura das urnas. Tigelas hemisféricas à guisa de tampa aparentemente serviam para proteger o defunto do contato direto com a terra. As dimensões médias são de 75 cm de altura por 65 cm de bojo e 45 cm de abertura. A título de antiplástico, areia fina era adicionada à pasta cerâmica.

As urnas funerárias são encontradas formando grupos, delimitando o que poderia ser o espaço da aldeia. O arqueólogo Calderón indicou que os fundos das cabanas formavam alinhamentos em círculos ao redor de uma praça central. Esta última disposição, segundo Prous (1991) lembra muito a das atuais aldeias Macro-Jê do Brasil Central (Kayapó, Xavante) e Otukê (Bororo).

A 150 km a leste de São Desidério, no município de Muquém do São Francisco, o arqueólogo Etchevarne localizou 103 urnas reunidas em grupos de três ou cinco, denotando a alta demografia do grupo. Os indivíduos eram enterrados fletidos, com os braços entre as pernas. Quando havia acompanhamento funerário, este consistia em rodela de fuso, pequenas tigelas de cerâmica, cachimbos, lâminas de machado, conchas de moluscos. As crianças eram enterradas com colares de contas de ossos ou dentes de animais. Tanto as ferramentas líticas como os fusos são indicadores de atividades agrícolas. Os machados costumam ser alongados, picotados e polidos. Havia os pesados, polidos em granito e também os menores, mais simples (8 a 10 cm de comprimento). Grandes rodela de fuso de pedra e de cerâmica indicam fiação de redes ou tecidos grossos; uma rodela de 8 cm de diâmetro é a maior coletada (Martins 1998).

Sítios arqueológicos com ocupações de diversos grupos Tupi, arqueologicamente englobados como Tupiguarani, são reconhecidos no Nordeste a partir do século XI, embora não se possa afirmar com certeza o momento de sua chegada. Talvez por serem multiétnicos, por terem

⁵ Os portadores da Tradição Uma poderiam ser o elo de ligação entre os grupos de caçadores coletores tardios e agricultores ceramistas no Brasil Central. Entretanto, até o momento, em território baiano, são necessários mais dados para a comprovação ou refutação da hipótese.

procedido a uma duradoura expansão em grandes territórios ao longo do litoral e planaltos brasileiros, suas manifestações culturais sejam tão diversas. De modo geral, eram grupos numerosos que habitavam cabanas grandes, dispostas de forma mais ou menos elíptica, em círculo ou em linhas retas paralelas. As camadas arqueológicas são quase sempre em superfície e não costumam alcançar mais que 50 cm de espessura.

A cerâmica desses grupos é bastante variada. Existem formas simples, globulares e semi-esféricas e as carenadas, ou seja, compostas de duas partes que se estendem em direções opostas, sendo a carena justamente a faixa de inflexão. Esses recipientes destinavam-se a conter líquidos. Outro tipo bastante freqüente e que diagnostica a Tradição são as formas abertas e rasas, com bordas grossas reforçadas, denominadas assadores e que serviam para o processamento da mandioca, que deve ter exercido um papel preponderante como base alimentar.

Valentin Calderón assinalou onze sítios da Tradição Tupiguarani no sudoeste da Bahia, inserindo-os numa fase *Coribe*, onde predominam urnas e vasos côncavos com superfícies escovadas e corrugadas. As aldeias *Coribe* situavam-se em colinas e tabuleiros que proporcionavam visão de longa distância e, portanto, possibilidade de defesa. Essa seria uma característica desses grupos na escolha de seus assentamentos, juntamente com a proximidade de rios. O mesmo padrão foi notado na região do Rio Corrente, em Santa Maria da Vitória ao sul de São Desidério, onde os vasilhames encontrados, diferentemente do que predomina alhures, tinham caco moído como antiplástico. Eram potes hemisféricos ou em calota de esfera com bordas diretas e engobo externo, tigelas de bordas reforçadas externamente, carenadas e decoradas com engobo interno. Uma aldeia Tupiguarani foi encontrada a noroeste do Morro Furado, próximo ao Corrente, com três possíveis fundos de habitação evidenciados por concentrações de material cerâmico. Vários fragmentos apresentavam pintura vermelha ou preta sobre fundo branco. Na Serra do Ramalho também são freqüentes os cacos com decoração plástica, corrugada e ponteada na parte superior do bojo (Ribeiro 2006).

Os Tupiguarani sepultavam em urnas, mas os padrões de inumação, como todos os demais traços culturais, variavam de lugar para lugar, já que também podiam enterrar seus mortos diretamente no solo, numa cova dentro das cabanas. Calderón registrou, relacionados a grupos Tupiguarani na área do São Francisco, enterramentos secundários, ou seja, os ossos eram depositados já descarnados.

Esses povos, cujas origens se atribuem às regiões amazônicas, ocuparam diversas aldeias Aratu tanto no Recôncavo Baiano como no sudoeste baiano. Há relatos etnográficos do séc. XVI de que o contato entre esses grupos foi violento, resultando na expulsão dos portadores da cerâmica Aratu de seus territórios tradicionais (Etchevarne 2000). Obviamente, informes desse tipo referem-se aos últimos suspiros tanto de vencidos como de vencedores, já que expressos pelos que seriam os antecessores dos ocupantes definitivos dessas terras: os europeus que precederam os sertanistas e colonos brasileiros.

4.1. O HISTÓRICO DAS OCUPAÇÕES

Fundamentada no panorama arqueológico regional acima abordado, a pesquisa de campo que subsidiou os dados apresentados neste relatório foi realizada entre setembro e outubro de 2011.

Seguindo os pressupostos metodológicos indicados para a elaboração de diagnósticos não interventivos, os estudos acerca do potencial arqueológico da área em que se localiza o município de São Desidério iniciaram-se com vistoria de locais indicados pelos moradores, detectando o conhecimento sobre a existência de vestígios arqueológicos. A partir dessas conversas foram realizados caminhamentos oportunistas.

Na maioria dos abrigos sob rocha dispersos na área percorrida, que são muitos, há ocorrência de paredes pintadas e gravadas, fato que orientou o foco para a elaboração deste relatório. As manifestações rupestres e seu estado de conservação apresentaram-se como elementos de suma importância neste diagnóstico arqueológico, dado que não encontramos na literatura especializada estudos sobre os ricos sítios rupestres de São Desidério e, tampouco, sobre o potencial de desenvolvimento de ações de mobilização da comunidade que possam sensibilizá-la para o seu papel na preservação do patrimônio cultural e, de forma geral, ambiental. Constatou-se também que algumas das cavernas e grutas visitadas apresentam pinturas nas paredes laterais da entrada, além da ocorrência de material arqueológico na superfície. Não foram observados, porém, registros de arte rupestre no interior das mesmas.

4.1.1. O cenário pontual: São Desidério

Fundamentada no panorama arqueológico regional acima abordado, a pesquisa de campo que subsidiou os dados apresentados neste relatório foi realizada entre setembro e outubro de 2011.

Seguindo os pressupostos metodológicos indicados para a elaboração de diagnósticos não interventivos, os estudos acerca do potencial arqueológico da área em que se localiza o município de São Desidério iniciaram-se com vistoria de locais indicados pelos moradores, detectando o conhecimento sobre a existência de vestígios arqueológicos. A partir dessas conversas foram realizados caminhamentos oportunistas.

Na maioria dos abrigos sob rocha dispersos na área percorrida, que são muitos, há ocorrência de paredes pintadas e gravadas, fato que orientou o foco para a elaboração deste relatório. As manifestações rupestres e seu estado de conservação apresentaram-se como elementos de suma importância neste diagnóstico arqueológico, dado que não encontramos na literatura especializada estudos sobre os ricos sítios rupestres de São Desidério e, tampouco, sobre o potencial de desenvolvimento de ações de mobilização da comunidade que possam sensibilizá-la para o seu papel na preservação do patrimônio cultural e, de forma geral, ambiental. Constatou-se também que algumas das cavernas e grutas visitadas apresentam pinturas nas paredes laterais da entrada, além da ocorrência de material arqueológico na superfície. Não foram observados, porém, registros de arte rupestre no interior das mesmas.

4.1.2. Localização dos sítios na área de abrangência

Nome do Sítio	Coordenadas UTM (Datum WGS84)	Identificação
Sítio Tapuios do Camé	23L 0509106/8624640	G000
Gruta das Pedras Brilhantes	23L 0491765/8627452	G001
Gruta do Teu ou Morada do Sol	23L 0509780/8624871	G002
Morro dos Tapuias	23L 0505042/8632188	G003
Sítio da Serra (ou Olho d'Água)	23L 0506847/8625310	G004
Sítio Baixa do Coqueiro	23L 0507726/8619676	G005
Lapão do Derocal	23L 0491765/8628039	G006
Gruta do Catão	23L 0514498/8632575	G007
Gruta da BR 243	23L 0491798/8625692	G008
Gruta do Hermínio	23L 0469723/8618622	G009
Gruta São Longuinho	23L 0507869/8620166	G010*
Gruta do Chiqueiro da Beleza	23L 0509990/8625030	G011*
Sítio Grutão da Beleza	23L 0508975/8625378	G012*
Sítio Gruta da Catedral	23L 0507553/8625323	G013*
Sítio Lapa da Vaca	23L 0507498/8625341	G014*
Cascalheira João Rodrigues	23L 0516564/8630804	OL001*
Sítio Canyon da Beleza	23L 0508862/8625089	SL001*
Sítio do Almiro	23L 0506976/8625747	SL002*
Sítio do Edgar	23L 0505652/8625216	SL003*
Sítio Princesa Isabel	23L 0503361/8632035	SL004*
Sítio do Fuso	23L 0506982/8625510	SLC001
Sítio Senhorinha da Cruz	23L 0503022/8631532	SC001*
Sítio Fazenda Paulista	23L 0503022/8631612	SL005*
Sítio Grota da Onça	desconhecida	Sem referência

Classificação de sítio > sigla

Gruta ou abrigo sob rocha > G

Sítio lítico > SL

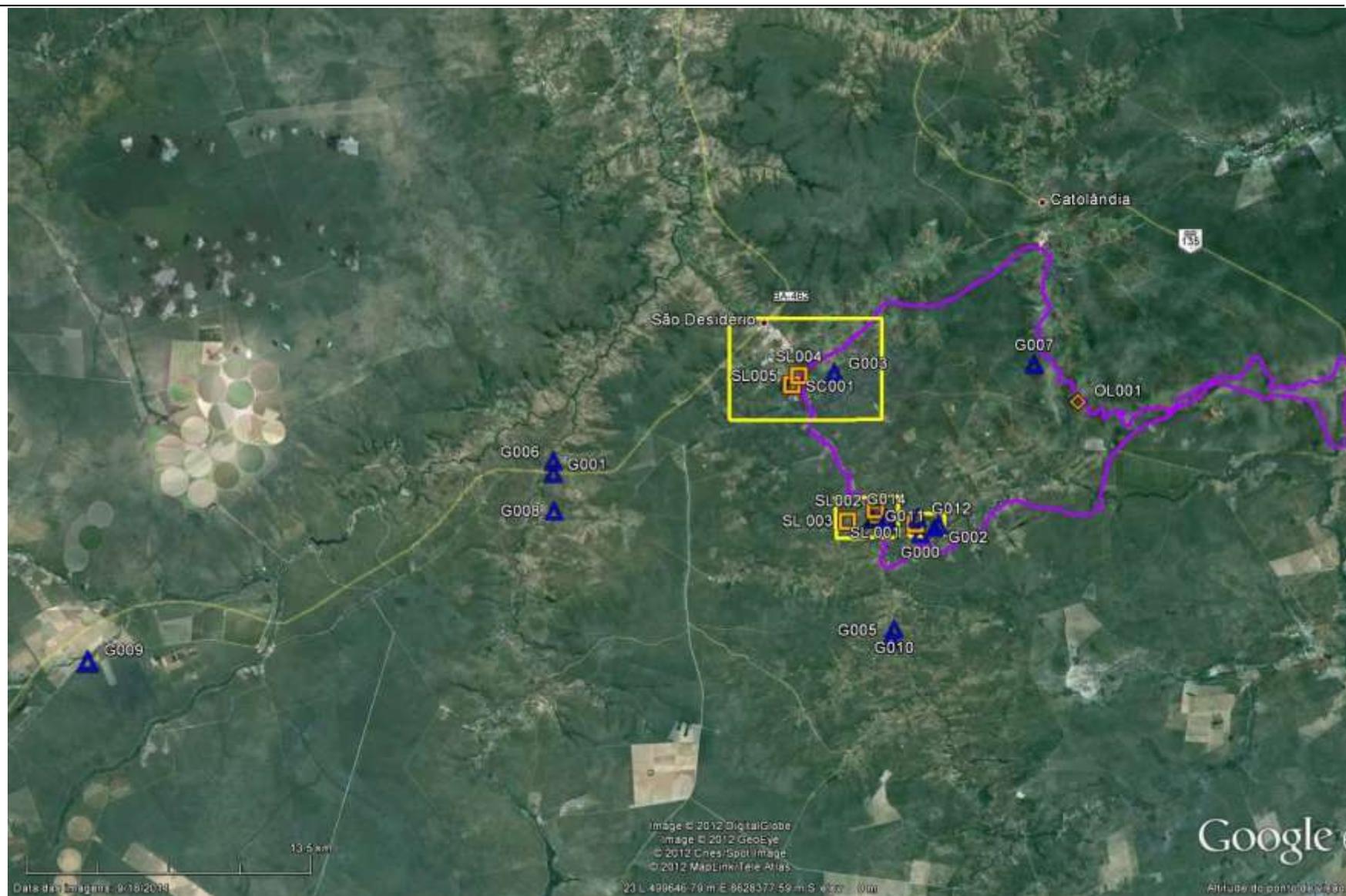
Sítio cerâmico > SC

Sítio lito-cerâmico > SLC

Sítio Histórico > SH

Oficina lítica > OL

*sítios cadastrados no CNSA/IPHAN



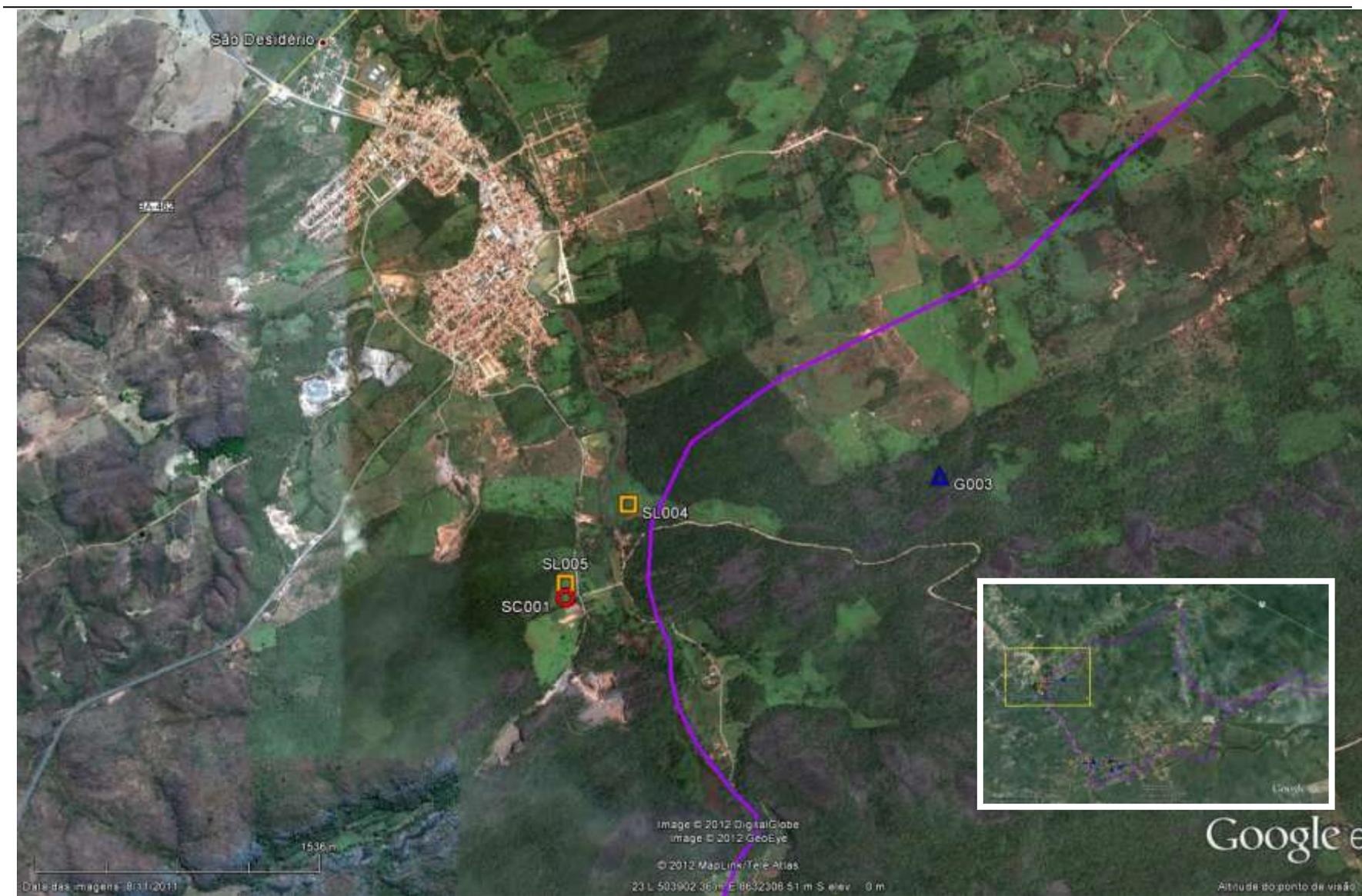
4.1.2.1 - Mapeamento da distribuição dos sítios em relação à área de estudo (delineada pelo perímetro em lilás).



4.1.2.2 - Proximidade das vias de acesso em relação à área do complexo cárstico em área com maior concentração de sítios em relação ao perímetro poligonal da área.



4.1.2.3 - Propriedades situadas na área do complexo cárstico com maior concentração de sítios, em distâncias absolutas inferiores aos padrões de acatamento indicados como medida de proteção do patrimônio arqueológico nacional.



4.1.2.4 - Propriedades situadas na área do complexo cárstico com maior concentração de sítios, em distâncias absolutas inferiores aos padrões de acatamento indicados como medida de proteção do patrimônio arqueológico nacional (continuação).

4.1.3. Diagnóstico arqueológico não interventivo: análise preliminar dos sítios visitados

4.1.3.1 Grutas e abrigos com pinturas rupestres

Sítio Tapuios do Camé (G000)

*Coordenadas: 23L 0509106/8624640

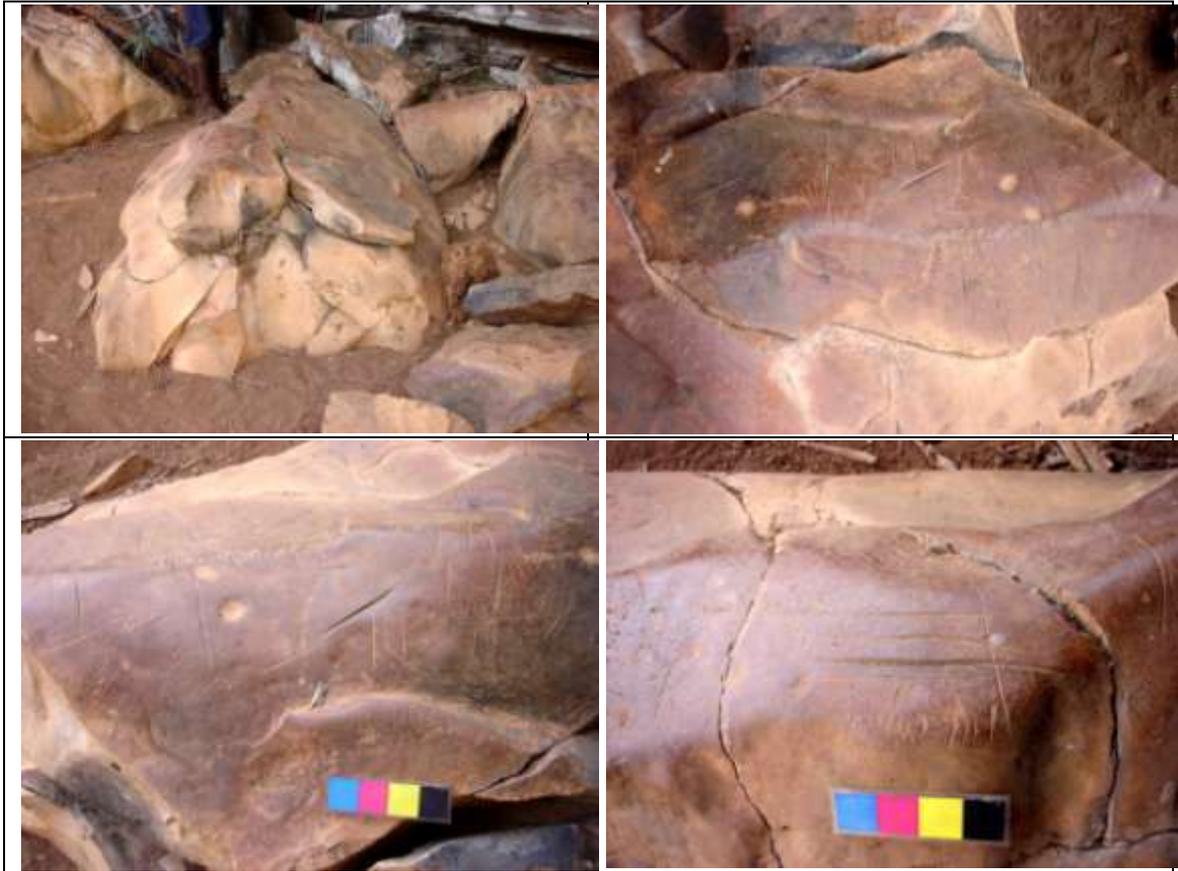
Está implantado em média vertente a cerca de 500 metros de um riacho. Com abertura para o oeste, comporta um espaço bastante plano, embora com muitos blocos abatidos, o que reduz a área útil para a ocupação humana. A linha de goteira está aproximadamente a cinco metros do paredão, acompanhando a área abrigada de 8 m. Há um espaço com potencial para a abertura de poços de sondagem ou unidades de escavação, entre as concentrações de blocos no centro do abrigo. O entorno é área de roça onde atualmente crescem árvores esparsas e capoeira grossa (figs. 1 e 2). Além deste espaço abrigado, existe uma gruta acoplada ao norte que não é profunda e tampouco apresenta estalactites.



Figuras 1 e 2 - Mata de capoeira em área de roça no entorno do sítio.

Não foram identificados artefatos em superfície. Porém, foram encontrados blocos com grande quantidade de marcas, no setor norte do sítio, possivelmente utilizados para afiar ferramentas. Como também foram identificados *cúpules*⁶, não se pode precisar sobre o caráter funcional, ou ritual/artístico das marcas (figs. 3 a 6).

⁶ *Cúpules são pequenas retiradas circulares e côncavas da rocha.*



Figuras 3 a 6 - Blocos com incisões e *cúpules* na superfície, localizados na área de acesso ao abrigo

O abrigo foi intensamente pintado, mas sérios problemas de conservação reduzem a área pintada em poucos painéis que se distribuem por frisos escalonados e em tetos baixos (fig. 7 a 9). Há cinco concentrações ou painéis de pinturas.



Figura 7 - Painel de pintura em friso escalonado.



Figuras 8 e 9 - Painel de pintura em friso escalonado e teto baixo.

No friso intermediário, setor norte, o painel foi composto com pigmentos em suspensão, em tonalidades de vermelho e amarelo, que se mesclam e se alternam em diferentes sobreposições na confecção de grafismos puros⁷ apenas (fig. 10). Não há nessa mancha gráfica figuras humanas ou zoomorfas. Duas esferas compostas por faixas concêntricas se destacam na composição, uma delas com o anel externo raiado (embaixo à esquerda). Os grafismos são muito simples: círculos, esferas, arcos e pequenos bastonetes. As sobreposições alternando cores sugerem que a maior parte da composição foi realizada numa única oportunidade (fig. 11).



Figuras 10 e 11 – Grafismos puros - técnica de sobreposição de cores.

Logo acima do painel anterior observa-se uma mancha gráfica semelhante na utilização dos pigmentos, em que o amarelo e o vermelho se alternam ou se complementam. O mesmo aspecto de atulhamento permanece; vários grafismos estão praticamente justapostos. A maior

⁷ Grafismos são unidades discerníveis de pinturas ou gravuras. Podem ser entendidos como motivos ou figuras. Grafismos puros são os registros não passíveis de identificação com o mundo sensível. São as figuras geométricas ou composições elaboradas a partir delas.

parte deles é abstrata, tais como círculos, traços verticais, setas, digitais e outros grafismos não reconhecíveis. Nesse painel há dois motivos biomorfos⁸ e duas prováveis representações de propulsor, uma delas sob manchas de escorrimento (fig. 12).



Figura 12 – Painel com motivos gráficos possivelmente representando propulsores.

O painel seguinte (sentido N-S) é um longo friso vertical num patamar intermediário ao suporte escalonado. Aparentemente as diáclases serviram para segregar conjuntos de imagens. À esquerda, com o mesmo pigmento vermelho, se pintou uma possível representação antropomórfica e grafismos abstratos. Note-se o conjunto de digitais feitos com pigmento branco (fig. 13).



Figura 13 - Grafismos em pigmentos vermelho e branco - técnica de impressão digital.

⁸ Biomorfos são representações de seres vivos que não apresentam traços de identificação suficientes para que se os designem como humanos ou animais.

Em trecho contíguo se introduzem novos pigmentos – preto e laranja – e a inclusão de motivos como os pectiniformes⁹, meia luas, grafismos solares¹⁰ (fig. 14-15). Várias representações antropomorfas ocupam planos diferenciados no suporte, em alguns casos parecem estar associados, pela proximidade, tamanho e tonalidade, a outras classes de grafismos, como os pectiniformes (fig. 16-18). As figuras apresentam um maior espaçamento entre si, mas há algumas sobreposições, possivelmente resultantes da reutilização sincrônica do espaço de representação dos painéis. Não se observa qualquer ruptura estilística no conjunto imagético do sítio. Retoques com tinta preta são frequentes.



Figuras 14 e 15 – Grafismos em pigmentos vermelho, preto e laranja com motivos pectiniformes.



Figuras 16 e 17 – Detalhes de grafismos em pigmentos vermelho, preto e laranja com motivos pectiniformes (continuação).

Existe uniformidade técnica aglutinando todo o sítio. A maioria das figuras foi executada com os dedos e a densidade dos pigmentos em suspensão, assim como as tonalidades, que são

⁹ Em forma de pente.

¹⁰ Grafismo solar é um termo comumente usado para designar esferas ou círculos raiados em arte rupestre. No entanto, nada nos permite afirmar que os pintores pré-históricos possuíam a mesma convenção que nós modernos estabelecemos para representar o sol.

muito semelhantes. A técnica gráfica também é homogênea: predominam os traços rápidos para os pectiniformes, círculos, estrelas, segmentos de retas e digitais. O suporte rochoso vem sofrendo intenso intemperismo químico e físico além da infestação por microrganismos. Longos trechos sofreram descamações, tendo sido invadidos por líquens e musgos (fig. 19-20).



Figuras 18 e 19 – Evidências quanto a necessidade de se aplicar medidas acautelamento e conservação e das pinturas rupestres da área de abrangência.



Figura 20 – Evidências quanto a necessidade de se aplicar medidas acautelamento e conservação e das pinturas rupestres da área de abrangência (continuação).

Gruta das Pedras Brilhantes (G001)

*Coordenada: 23L 491765/ 8627452

A aproximadamente 300 m do rio Grande encontra-se um grande abrigo calcário cujas condições de habitabilidade são excepcionais. Raramente se tem notícia de um sítio arqueológico que reúne tantas qualidades como disponibilidade de espaço plano para várias pessoas, ventilação e proteção constante do sol e da chuva. O abrigo, com 34 m de

comprimento, tem abertura para o leste. O teto está a 10 metros de altura, mas não oferece cobertura para toda a área do sítio, pois sofreu uma fratura. Há ainda uma pequena gruta e condutos. O local mais profundo do abrigo chega a atingir 20m. A planta baixa realizada pela arqueóloga Alenice Baeta (1999), aqui reproduzida (fig. 21), traz a indicação dos painéis de arte rupestre e de maticões espalhados pelo sítio com sinais de polimento, gravações e prováveis marcas de afiação de instrumentos líticos.

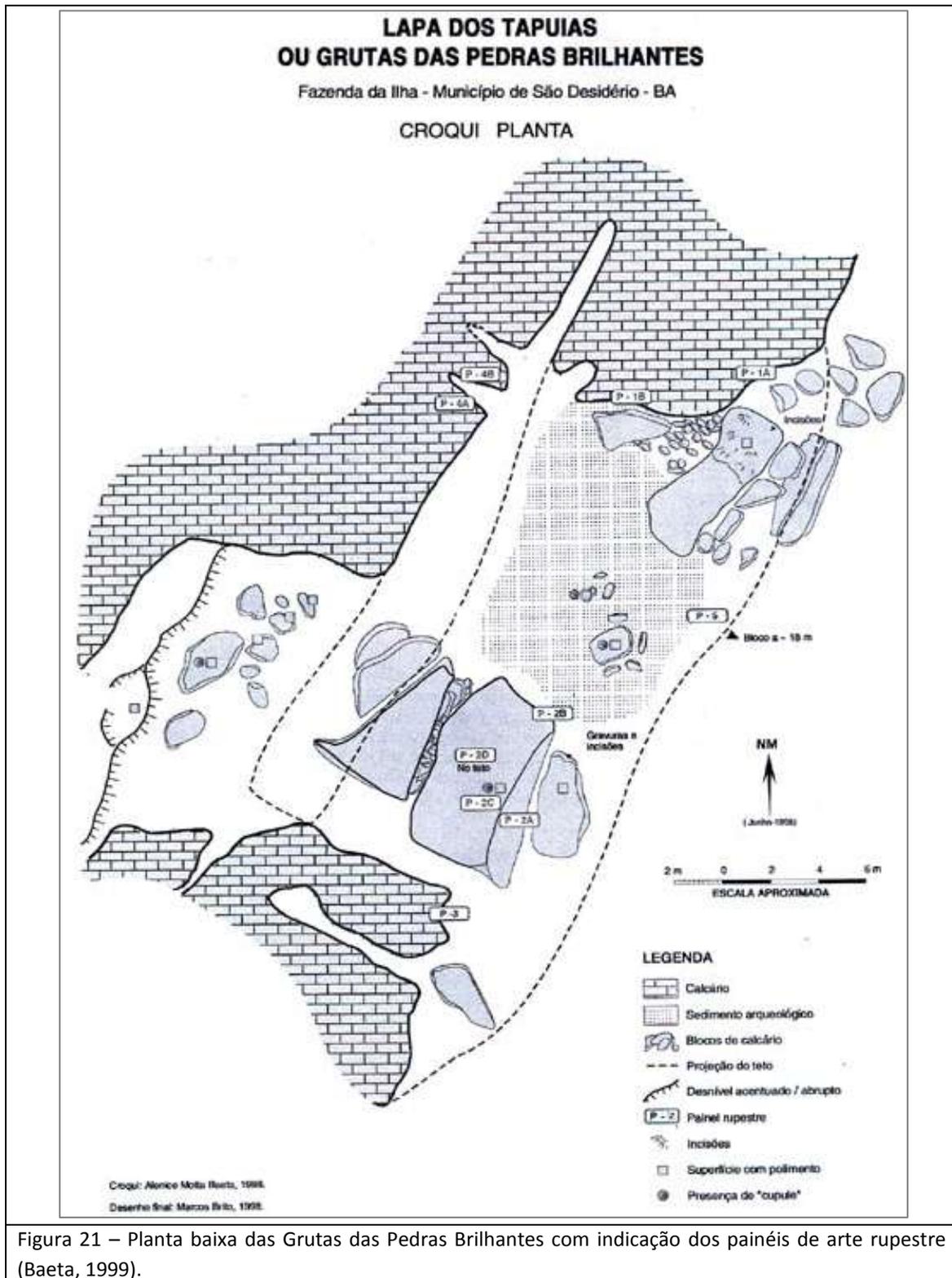


Figura 21 – Planta baixa das Grutas das Pedras Brilhantes com indicação dos painéis de arte rupestre (Baeta, 1999).

Atualmente, há cinco concentrações com pinturas, inclusive no teto e no conduto. Seguiremos a numeração proposta pela arqueóloga para a exposição dos aspectos mais relevantes dos registros rupestres no abrigo (fig. 22-25).

Painéis 1A e 1B

Muito pouco sobrou do painel principal do sítio, cujos oito metros de extensão sofreram intenso intemperismo físico e químico, agravado pela visita predatória e descontrolada das últimas décadas. O que era único foi seccionado por um forte deslocamento (observado na mancha cinza escuro da fig. 23) provavelmente causado por fogo. Pouco se discerne da intensa prática pictórica ao longo dos tempos; os poucos grafismos ainda visíveis devem ter sido os últimos a serem pintados.

Pigmentos de diversas tonalidades de vermelho e amarelo, assim como o preto, se mesclam confusamente num fundo desbotado e descamado (fig. 28-29). A maioria dos grafismos distinguíveis nas manchas gráficas é abstrata; figuras simples como bastonetes, digitais, zig-zags, lunares¹¹ concêntricos, grades, esferas com apêndices, setas, segmentos de retas, por vezes muito longos, sendo que no setor direito do painel predominam os pectiniformes (fig. 30-31). As figurações reconhecíveis são antropomorfos ou biomorfos pintados em vermelho, amarelo e preto (fig. 32-33). As sobreposições e retoques são frequentes, não raro se nota a aplicação de um fundo amarelo para formar composições com os motivos, como alinhamentos de digitais, por exemplo.



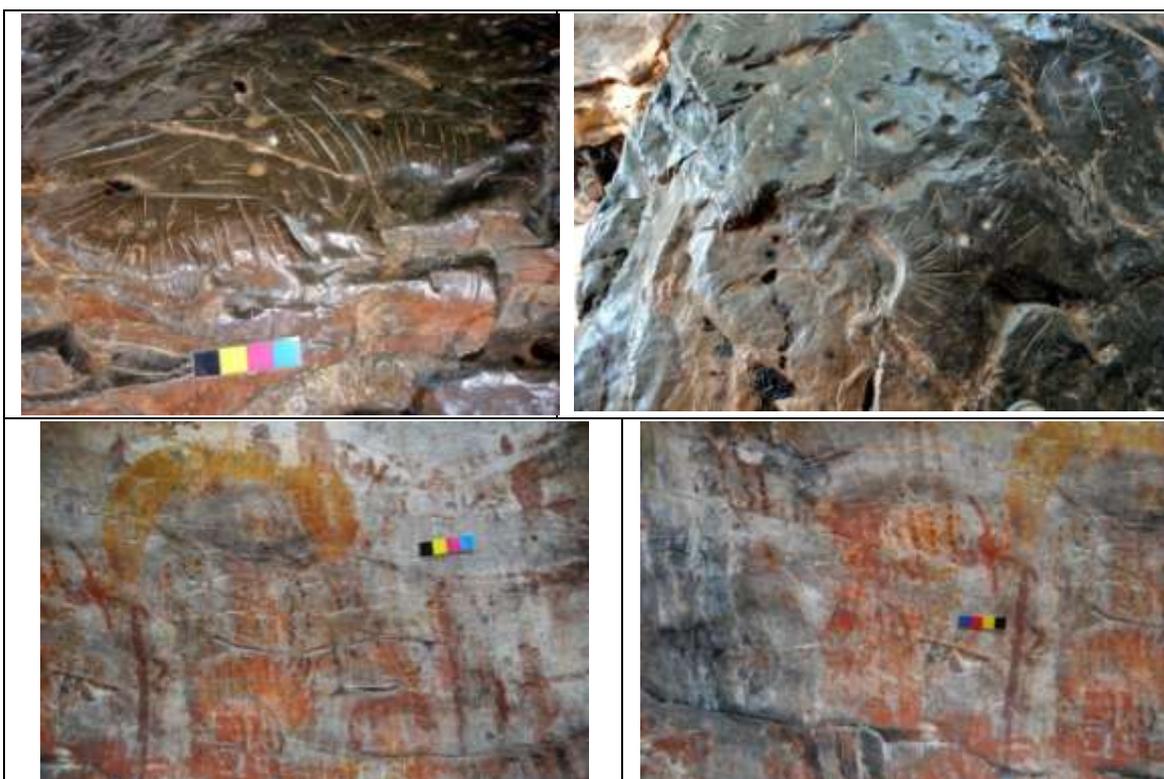
Figuras 22 e 23 – Paisagem de entorno e contexto de suporte das pinturas das Grutas das Pedras Brilhantes.

¹¹ Em forma de meia lua.



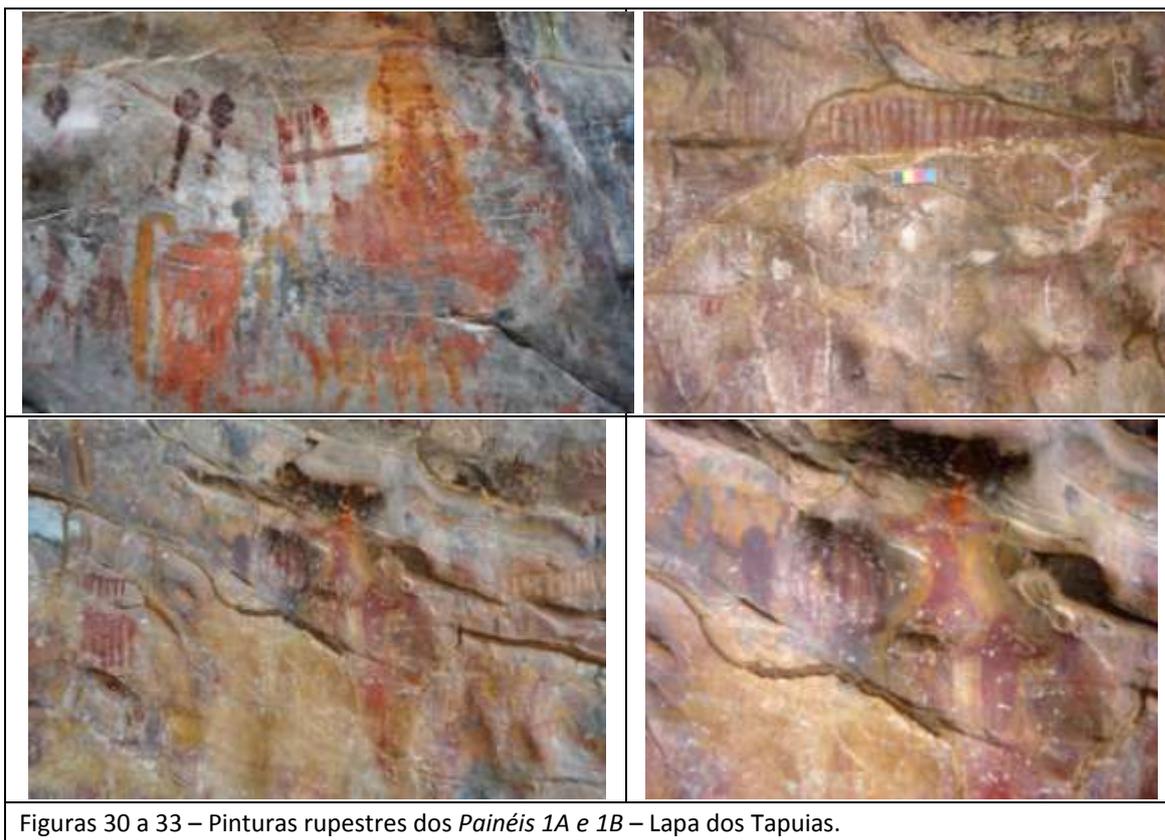
Figuras 24 3 25 – Paisagem de entorno e contexto de suporte das pinturas das Grutas das Pedras Brilhantes (continuação).

O nome Pedras Brilhantes¹² é referente aos vários matacões, especialmente aqueles localizados na base do painel principal de pinturas. Eles foram muito polidos e contêm *cúpules*, o que suscita a possibilidade de os possíveis sinais de afiação de instrumentos líticos terem sido, na verdade, realizados com sentido estético (Baeta 1999), (fig. 26-27).



Figuras 26 a 29 – Matacões com presença de *cúpules*.

¹² O sítio também é conhecido como Abrigo dos Tapuias.



Figuras 30 a 33 – Pinturas rupestres dos *Painéis 1A e 1B* – Lapa dos Tapuias.

Painel 2 A –D

Está pintado num bloco de cerca de 3 m que teve os setores lisos e verticais pintados (fig. 34). É o setor mais bem preservado do sítio, sendo ainda possível discernir os grafismos, bastante próximos entre si. O painel se compõe principalmente de biomorfos, e partes de seres vivos - como braços estendidos - associados a pectiniformes, meia luas e bastonetes. Algumas das figuras são bicrômicas - vermelho e amarelo - mas esse efeito pode ter sido obtido em dois momentos, como uma complementação em amarelo em torno das figuras, o que se observa também em alguns biomorfos do painel 1 (fig. 35 -37). O suporte foi previamente preparado com uma demão de tinta, apagando-se o que existia anteriormente (fig. 38).



Figura 34 – Painel 2 A-D.

Propulsores estão representados no painel 2C associados a meia luas preenchidas com pigmento branco (fig. 39). Aparentemente, todas as figuras foram realizadas aplicando-se os pigmentos com os dedos e, de modo geral, o preenchimento pleno é a regra no tratamento gráfico das imagens com alguma conjugação de cores – vermelho e amarelo, às vezes também o preto.

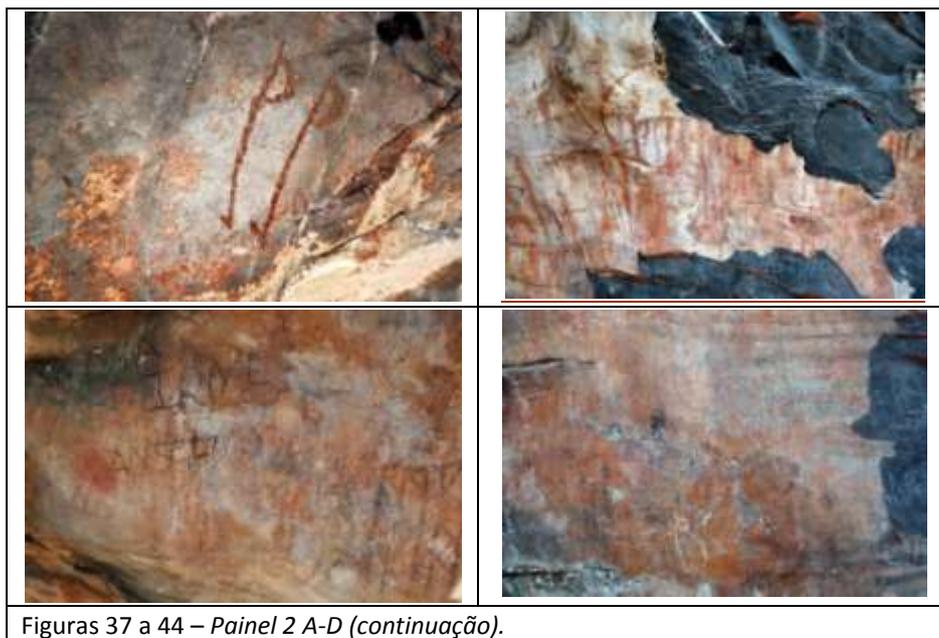
É possível escalar esse bloco de modo a alcançar o teto do abrigo. Esse setor também foi muito pintado, mas hoje o que se vê é apenas um par de propulsores e muitas pichações modernas. (fig. 40-41).

Como já salientado, o estado de conservação de sítio tão importante é péssimo, e já em 1998 a arqueóloga Baeta alertava para a urgência da adoção de medidas de proteção e valorização do abrigo que se consubstanciam principalmente na visitação monitorada e na educação patrimonial. Não encontramos algumas das pinturas mencionadas no artigo citado em nossa vistoria de 2011. As figuras 42-44 ilustram os danos mais significativos como um alerta para impedir que o mesmo ocorra com os demais sítios rupestres da região.



Figuras 35 e 36 – Painel 2 A-D.





Figuras 37 a 44 – Painel 2 A-D (continuação).

Gruta do Teu ou Morada do Sol (G002)

*Coordenadas: 23L 509780/8624871

O abrigo localizado no povoado Baixão da Beleza, em alta vertente, debruça-se sobre um vale de rio, tem 15 metros de comprimento e até 5 metros de profundidade na área abrigada. A abertura é para o leste e nordeste, em uma reentrância formada por intensa queda de blocos, o que torna o local impróprio para abrigar pessoas. Para realizar parte das pinturas, que ainda estão em bom estado de conservação, os autores precisaram se equilibrar sobre os matacões empilhados ao longo da abertura do abrigo (fig. 45-46).



Figuras 45-46 – Abrigo sob rocha com pinturas rupestres.

Os painéis se sucedem ao longo de frisos dispostos em patamares no suporte rochoso (fig. 47). A primeira mancha gráfica – direção N-S – traz uma composição em que um antropomorfo com formas arredondadas está associado a semi arcos e bastonetes. À esquerda, observa-se a marca de uma mão direita. A composição foi elaborada antes do deslocamento do suporte (fig. 48-49).



Figura 47 – Painéis com pinturas rupestres em patamares.



Figuras 48 e 49 – Pinturas rupestres em área de deslocamento do suporte rochoso.

O próximo conjunto comporta uma série de grafismos vermelhos, provavelmente feitos numa única oportunidade: digitais, fileiras de círculos vazados, pectiniformes, bastonetes e duas figuras cuja temática é muito rara nos sítios visitados: um lagarto e à sua esquerda, uma provável representação fitomorfa¹³. Pigmentos brancos, como no painel anterior, se espalham sobre a composição (fig. 50). Em seguida, separadas por uma diáclase, observamos figuras vermelhas, entre elas uma mão esquerda carimbada, sobrepostas ao que pode ser a parte inferior de uma figura antropomorfa em amarelo. E novamente sobre todo o conjunto, um agrupamento de digitais com pigmento branco (fig. 51).

¹³ Com forma de ou que lembra vegetais.



Figuras 50 e 51 – Pinturas rupestres com motivos antropomorfos e fitomorfos.

Os espaços verticais e lisos do calcário foram bastante utilizados para a prática gráfica. E embora o aspecto geral não seja de ocupação intensa como nos demais sítios descritos, é claramente observável que os motivos pertencem a um mesmo repertório. Pectiniformes com as hastes em cores alternadas – vermelho e ocre –, digitais, os pequenos biomorfos ou antropomorfos de várias tonalidades, meia lua e a bela esfera raiada, com grossos traços vermelhos alternados com amarelos, são os temas mais recorrentes, igualmente vistos nos abrigos pintados que visitamos (fig. 52-54).



Figuras 52 e 53 – Conjunto de pinturas rupestres com associação de motivos variados



Figura 54 – Conjunto de pinturas rupestres com associação de motivos variados.

O último painel foi pintado na face nordeste do abrigo. É possível arriscar a afirmação de que esse conjunto é um dos mais recentes no acervo da região porque foi pintado numa superfície sem o córtex, está muito nítido e traz um motivo raro: um grande lagarto, ou teu, cujo componente naturalista foge ao padrão gráfico da área vistoriada. Já o conjunto de antropomorfos e bastonetes à direita do lagarto é tematicamente coerente com o predominante. As tintas pastosas e densas são uma particularidade, embora não de forma exclusiva desse sítio (figs. 55-57). Os problemas de conservação do sítio são principalmente a descamação do suporte e o escoamento de água que forma lentes de calcita, o que pode ser minimizado com “pingadeiras”, como pode ser observado na figura 54.



Figuras 55 e 56 – Conjunto de pinturas rupestres com lagarto, antropomorfos e bastonetes.



Figura 57 – Conjunto de pinturas rupestres com lagarto, antropomorfos e bastonetas.

Morro dos Tapuias (G003)

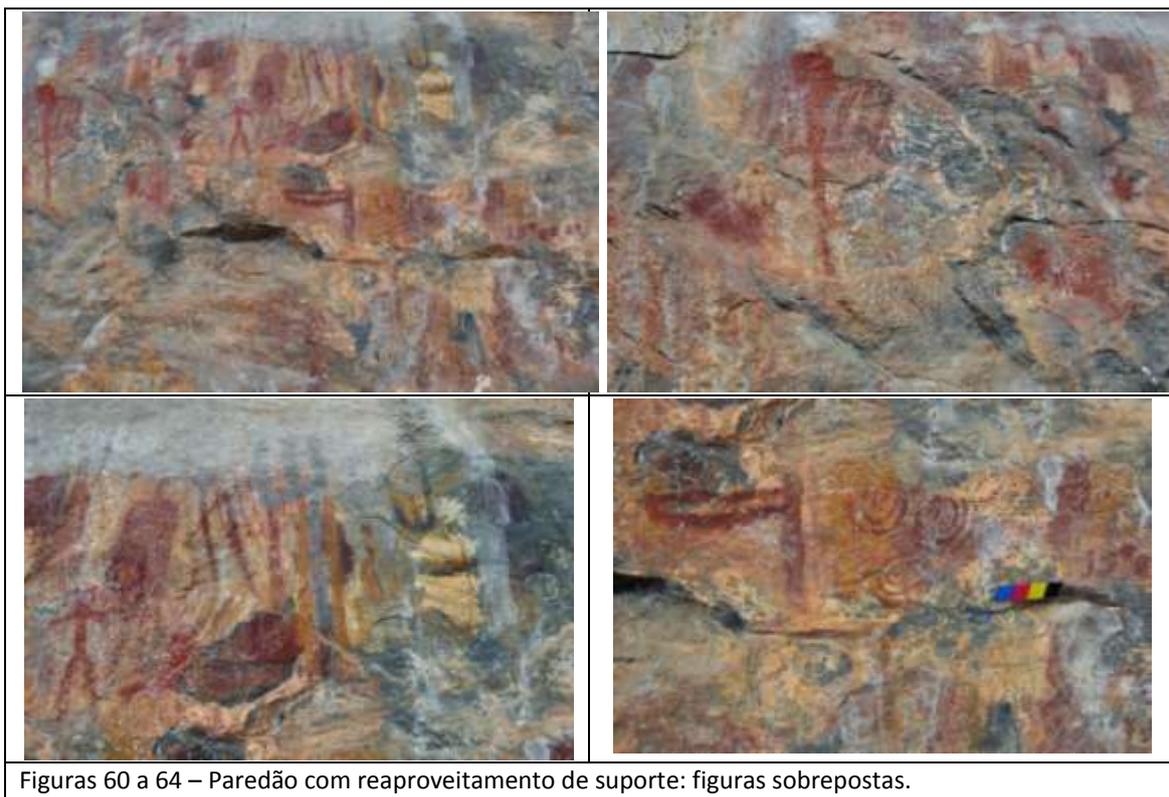
*Coordenadas: 23L 0505042/8632188

O sítio é uma área abrigada formada no topo de um afloramento calcário decorrente de queda de grandes blocos. Está próximo ao rio Desidério. A vegetação no entorno comporta muitas barrigudas e cactáceas. O solo está atulhado de blocos e matacões e não permite uma estadia confortável (fig.58-59).



Figuras 58 a 59 – Vegetação de entorno e contexto do paredão com as pinturas rupestres.

Um único painel compõe a arte rupestre do sítio. Muitas pinturas ainda nítidas revelam múltiplos momentos de composição, com variedade de pigmentos e figuras sobrepostas (fig.60-62). A temática e tratamento gráfico não diferem dos demais sítios: conjuntos de digitais, carimbo de mãos, carimbos que imprimiram formas espirais sobre um fundo amarelo, segmentos de retas de diferentes espessuras, ondas, pectiniformes, alguns poucos biomorfos e um único lagarto. Uma “novidade” seria o grafismo geométrico que foge da simplicidade dominante, e se enquadra bem na Tradição São Francisco pelo jogo de traços finos e grossos e angularidade marcada (fig. 64).



Figuras 60 a 64 – Paredão com reaproveitamento de suporte: figuras sobrepostas.

As cores dos pigmentos são tonalidades de vermelho e amarelo, aplicados com os dedos. Como no Sítio Tapuios do Camé, houve retoques de grafismos com tinta preta em algumas pinturas. Os diferentes níveis de pinturas em sobreposição – os pigmentos em tonalidade vinho são os mais antigos, sobrepostos por grafismos de cor muito intensa - fazem desse sítio um local importante para o estudo da cronologia regional. Novamente, pigmentos brancos se espalham por todo o painel.

Um dos blocos abatidos apresenta gravuras (fig. 65).

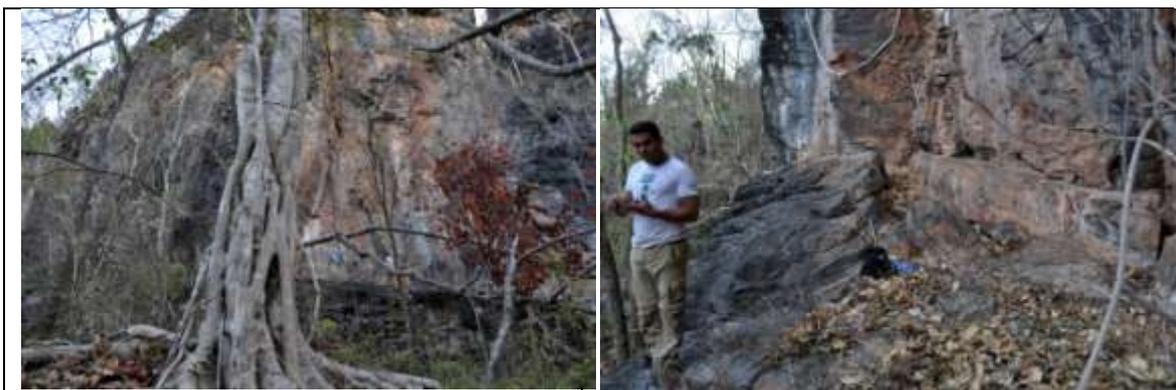


Figura 65 – Bloco deslocado com gravuras rupestres.

Sítio da Serra ou Olho d'Água (G004)

*Coordenadas: 23L 0506847/8625310

As pinturas estão distribuídas numa pequena área vertical do paredão, a meia encosta. Blocos se empilham e não há solo com sedimentos ou área abrigada (fig. 66-67). O suporte está bastante impactado por intempéries e, por ser vertical, há vastas marcas de escoamento de água e exsudações de calcita.



Figuras 66 e 67– Sítio da Serra ou do Olho d'Água.

As poucas pinturas são abstratas e muito simples - zig zags, ondas isoladas ou como hastes de pectiniformes, conjuntos de digitais -, todas realizadas com pigmento vermelho, às vezes sobre um fundo amarelo em pequenos nichos mais lisos da rocha (fig. 68-70).



Figuras 68 a 70 – Paredão com pinturas abstratas.

Sítio Baixa do Coqueiro (G005)

*Coordenadas: 23L 0507726/8619676

O sítio arqueológico está em uma caverna no canyon do rio São Desidério (fig. 71-74). Poucas pinturas, muito simples, restam nas laterais da entrada do amplo salão (25 x 15 m): pectiniformes vermelhos, traços e digitais. (fig 75-77).





Figuras 71 a 74 – Contexto de entorno do paredão com pinturas do Sítio Baixa do Coqueiro



Figuras 75 e 76 – Pinturas rupestres com conservação comprometida – Sítio Baixa do Coqueiro.



Figura 77 – Pinturas rupestres com conservação comprometida – Sítio Baixa do Coqueiro (continuação).

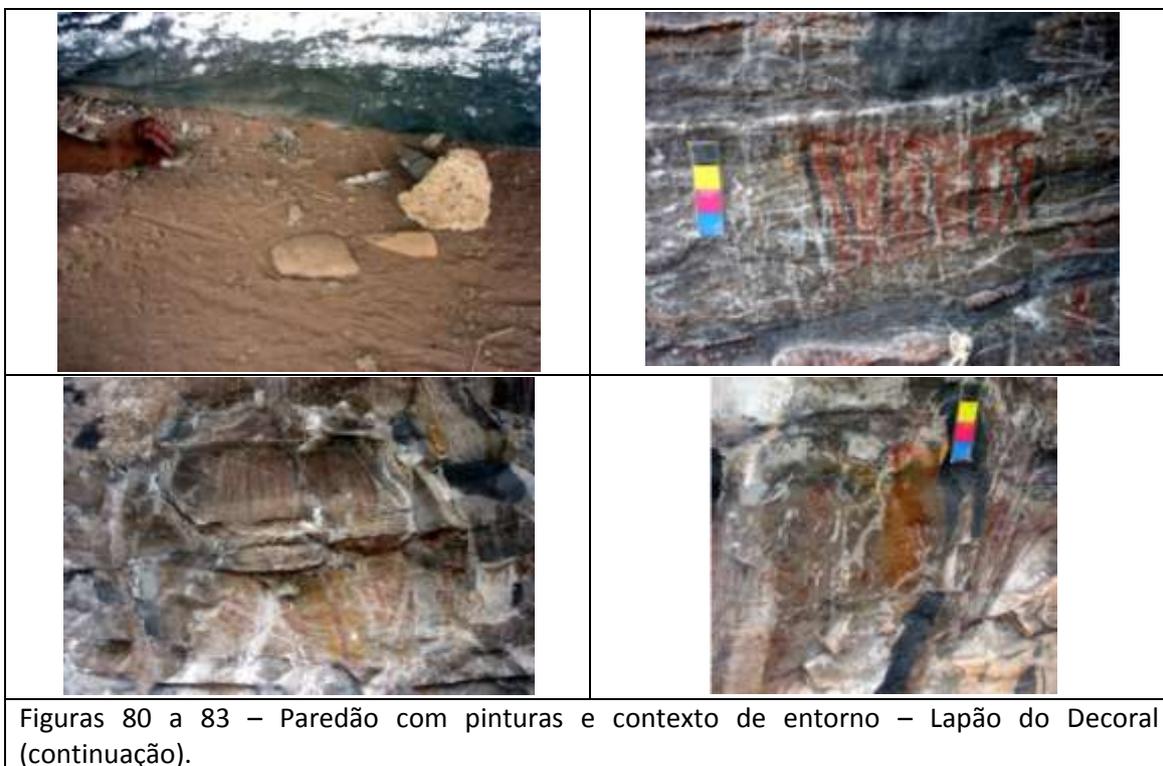
Lapão do Derocal (G006)

*Coordenadas: 23L 491765/ 8628039

Povoado Sítio Grande. A área abrigada tem 50 metros e até 25 metros de profundidade, à beira do rio das Fêmeas, completamente plano e ventilado, é um abrigo excepcional para comportar grupos grandes com conforto (fig. 78-79). Em superfície foi observado material arqueológico em forma de lascas e núcleo assim como fragmentos cerâmicos (fig. 80). Pouquíssimas figuras sobreviveram, e pertencem ao repertório difundido pelos sítios da região: grades, traços alternando cores, conjunto de digitais, grades. Destaque-se a uma dupla de grafismos muito interessante, já observado em vários sítios do país: o par de seta e propulsor (fig. 81-83).



Figuras 78 e 79 – Paredão com pinturas e contexto de entorno – Lapão do Decoral.



Figuras 80 a 83 – Paredão com pinturas e contexto de entorno – Lapão do Decoral (continuação).

Gruta do Catão (G007)

*Coordenadas: 23L 514498/8632575

É um conjunto de paredões rochosos onde ressurge um rio subterrâneo formando a lagoa Azul (fig. 84-85). Todo o conjunto está inserido numa unidade de conservação ambiental municipal. As amplas áreas abrigadas estão antropizadas, no sentido em que se preparou o lugar para a visitação pública. No entanto, o local foi frequentado por grupos pré-históricos. Na trilha para a lagoa, a poucos metros da gruta do Catão, se observa um painel com *cúpules* (fig. 86-88).



Figuras 84 a 85 – Paredões e rio subterrâneo - Lagoa Azul - Gruta do Catão



Figuras 86 e 87 – Painel com cúpules na Gruta do Catão.



Figura 88 – Painel com cúpules na Gruta do Catão (continuação).

A análise dos sítios com arte rupestre na área vistoriada indica homogeneidade estilística. No que se refere à temática, predominam os grafismos puros, ou seja, figuras abstratas sem quaisquer possibilidades de associá-las ao nosso mundo sensível. São motivos muito simples, os elementos básicos de nossas formas geométricas. De forma minoritária, aparecem os antropomorfos e biomorfos, conforme a possibilidade de identificação das figuras. Representações zoomorfas praticamente não existem, com exceção de dois ou três lagartos. Quanto ao tratamento gráfico, os autores mostraram uma predileção pelo bicrômico – vermelho e amarelo. Os grafismos que denotam volume, como esferas, antropomorfos, etc., são totalmente preenchidos; quase não se vê figuras apenas contornadas, sem preenchimento. O aspecto geral, quando o sítio não está depredado ou muito intemperizado, é de super utilização dos painéis, com muitos reforços e retoques em figuras já existentes. De modo geral, nota-se uma forte influência do que Maria Beltrão rotulou como Tradição Astronômica na região de Central (Beltrão 2000). Naquela área, a profusão de esferas raiadas (grafismos solares), semi-luas, ondas, zig-zags, profusão de digitais e pectiniformes, tal como observamos nos sítios de São Desidério, estariam a representar eventos astronômicos, o céu como os grupos pretéritos o viam. Independentemente da interpretação das figuras rupestres, o que temos a ressaltar é a difusão territorial que tal estilo pictórico alcançou.

4.1.2.2 - Outras ocorrências arqueológicas vistoriadas

Gruta da BR 243 (G008)

* Coordenada: 23L 0491798/8625692

À beira da estrada BR-243, no povoado Ilha do Rio Grande, em afloramento calcário, uma pequena gruta ainda exhibe manchas de pigmento à base de óxido de ferro, sem que seja possível discernir grafismos (fig. 89-90).



Figuras 89 a 90 – Mancha de pigmento em gruta próxima ao povoado Ilha do Rio Grande.

Cascalheira João Rodrigues – Oficina Lítica (OL001)

*Coordenadas: 23L 0516564/8630804

Oficina lítica à beira do Rio João Rodrigues, na propriedade do Sr. Jurandir da Sucupira, com vestígios de material lascado (fig.91-93).



Figuras 91 e 92 – Vegetação de entorno e material lítico lascado aflorado.



Figura 93 – Vegetação de entorno e material lítico lascado aflorado.

Gruta do Hermínio – Ocorrência de Cerâmica Arqueológica (G009)

*Coordenadas: 23L 0469723/8618622

Vistoriamos uma gruta na propriedade do Sr. Hermínio e encontramos um fragmento de cerâmica (figs. 94-95).



Figuras 94 e 95– Vegetação de entorno e material lítico lascado aflorado.

Sítios Históricos

A área de abrangência em que foi realizado o diagnóstico arqueológico apresenta também significativo valor referente ao patrimônio arqueológico do período histórico. Muros de pedra se espalham por toda a região (figs. 96-97). De acordo com a literatura sobre o período colonial e o relato dos moradores, esses muros foram construídos por escravos e muitos deles, que ainda estão bem conservados, servem de limite entre as propriedades.



Figuras 96 e 97 – Evidências arqueológicas do período histórico.

Além dos muros de pedra que remetem ao período colonial, foi detectado outro registro material arqueológico-histórico, hoje fora do contexto arqueológico original. Trata-se de um fragmento de um cachimbo bem preservado (figs. 98 e 99), que se encontra sob a guarda do espeleólogo Jussyklebson, que nos acompanhou nos trabalhos de campo. De acordo com as informações prestadas, o cachimbo foi localizado por um morador de São Desidério quando este trabalhava em seu quintal, instalando tubulação de saneamento. Na ocasião, parte do cachimbo foi impactada pelo golpe de enxada e os fragmentos não foram recolhidos no momento.



Figuras 98 e 99 – Cachimbo de cerâmica encontrado por morador de São Desidério.

4.1.3 Sítios arqueológicos de São Desidério que já eram registrados no Iphan

Atendendo aos imperativos legais exigidos pela Portaria IPHAN/230, foram realizadas prospecções e escavações arqueológicas por ocasião da alternativa de traçado para

implantação e pavimentação da BR 135, trecho São Desidério – Correntina, sob responsabilidade dos arqueólogos Márcio Antonio Telles e José Roberto Pellini.

Ao longo dos três quilômetros do trecho foram localizados dois sítios pré-coloniais e um histórico. No relatório de pesquisa apresentado ao IPHAN foram indicados outros 26 sítios, localizados fora da área de impacto do empreendimento, a maioria com arte rupestre.

Sítio Grota da Onça

*Coordenadas UTM: S/R

Situado à direita do Rio São Desidério, grande abrigo com pinturas. Sem fotos ou coordenadas, não tivemos notícia desse abrigo.

Gruta São Longuinho

*Coordenadas UTM: 23L 0507869 /8620166

Sítio lítico com pinturas rupestres na cor preta. Trata-se de um abrigo em paredão na margem direita do Rio São Desidério, no povoado homônimo.

Gruta do Chiqueiro da Beleza

*Coordenadas UTM: 23L 0509990 / 8625030

Sítio em gruta, de 30 x 15 metros, no povoado Baixão da Beleza, próximo ao sítio rupestre Gruta do Teu. Em superfície foram avistados fragmentos cerâmicos e material lítico.

Sítio Grutão da Beleza

*Coordenada UTM: 23L 0508975 / 8625378

Grande abrigo, também no povoado Baixão da Beleza, com 150 x 30 metros, sem pinturas, com material lítico em superfície.

Sítio Gruta da Catedral

*Coordenadas UTM: 23L 0507553 / 8625323

Gruta com área de cerca de 10 x 10 metros no povoado Baixão da Beleza, onde foi encontrado material lítico à superfície.

Sítio Canyon da Beleza

*Coordenadas UTM: 23L 0508862 / 8625089

Sítio lítico a céu aberto, em vale encaixado em planície aluvionar, entre as rochas calcárias.

Sítio do Almiro

*Coordenadas UTM: 23L 0506976 / 8625747

Sítio lítico a céu aberto, em planície aluvionar, a cerca de 400 m do Sítio Olho d'água.

Sítio Lapa da Vaca

*Coordenadas UTM: 23L 0507498 / 8625341

Gruta entre o Olho d'água e o Canyon da Beleza onde foi encontrado material lítico à superfície.

Sítio do Fuso

*Coordenadas UTM: 23 L0506982/8625510

Sítio lítico- cerâmico a céu aberto a 200 metros no sopé do paredão onde está o Sítio rupestre Olhos d'água.

Sítio do Edgar

*Coordenadas UTM: 23L 0505652 / 8625216

Sítio lítico a céu aberto, em área de vale, na localidade de Olhos d'água.

Sítio Senhorinha da Cruz

*Coordenadas UTM: 23 L 503022/8631532.

Sítio cerâmico a céu aberto, próximo à mineradora São Jorge. O sítio está implantado numa área de transição no chapadão, mas já próximo a borda de afloramentos calcários. Numa depressão que atualmente serve de pastagem de gado, foram identificados no perfil alguns restos cerâmicos e líticos bem como três urnas funerárias. O solo do sítio é argiloso com alta compactação. Sua integridade é de 80% e a dimensão aproximada é 90.000 m². A urna funerária que estava colapsada continha restos esqueléticos, inclusive o crânio, de um indivíduo que foi depositado em posição fletida. Acompanhava o enterramento um pequeno machado, talvez próximo ao crânio.

Sítio Fazenda Paulista

*Coordenadas UTM: 23L 503022/8631612. Próximo ao anterior, o sítio se caracteriza por algumas construções de adobe a que moradores locais atribuem mais de 100 anos. Trata-se de uma arquitetura vernacular com telhados extensos e pé direito alto. Sua integridade está bastante comprometida. Quatro sondagens apresentaram material lítico lascado, cerâmica pré-colonial e material dos séc. XIX e XX em grande quantidade.

Sítio Princesa Isabel

*Coordenadas UTM: 23 L 503361/8632035. Sítio lítico a céu aberto implantado em uma média vertente íngreme. Está muito impactado por atividades de roça e pasto. Tem cerca de 300 m de diâmetro.

5. CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

A aplicação dos procedimentos investigativos próprios de diagnóstico do patrimônio arqueológico desenvolvidos na área de abrangência do sistema cárstico do rio João Rodrigues, São Desidério-BA permitiram a identificação de bens materiais de valor arqueológico e histórico, que agregam valor cultural de significativa relevância ao patrimônio natural em questão.

Além disso, os dados secundários levantados, sobretudo no que concerne aos contextos arqueológicos já conhecidos da região, indicam tratar-se de área com alto potencial para ocorrência de vestígios materiais de interesse cultural ainda desconhecidos.

Cabe ressaltar que os diversos sítios arqueológicos e históricos mapeados na área focal do diagnóstico realizado conformam um panorama pluricultural, observado o palimpsesto de sítios rupestres, líticos, cerâmicos, litocerâmicos e históricos interconectados pela paisagem cárstica, contexto de imensurável potencial para o estudo das sociedades pretéritas que ocuparam o Vale do São Francisco e outras áreas de Cerrado do Planalto Central Brasileiro.

É importante ressaltar que os resultados obtidos em campo, durante a realização do diagnóstico arqueológico do sistema cárstico do rio João Rodrigues, revelam a necessidade de uma ação urgente de acautelamento, especialmente nos aspectos da conservação das pinturas rupestres, do controle e regularização do acesso e uso turístico, e de educação patrimonial.

Com relação ao patrimônio arqueológico do período histórico, o diagnóstico da área vem a reforçar a necessidade de se implantar medidas de acautelamento e proteção dos sítios identificados, bem como de se promover um estudo mais aprofundado da memória arqueológica do território referenciado.

Estão sendo consideradas nesta avaliação, como principais elementos geradores de impactos negativos sobre os recursos arqueológicos da área de abrangência do sistema cárstico do rio João Rodrigues:

- Perdas materiais e degradação dos sítios por ação antrópica;
- Desgaste das pinturas rupestres por intempéries;
- Desmatamentos, uso das áreas e do entorno dos sítios para abertura de roçados;
- Turismo desorientado, com ações depredatórias;
- Carência de estruturas de apoio para a formalização do uso turístico;
- Risco de incêndios.

6. MEDIDAS INDICADAS

Com o objetivo de atender às exigências legais de acautelamento e proteção do patrimônio arqueológico, mitigando possíveis impactos que possam vir a ser causados sobre os bens culturais da união, indicamos como medidas cautelares a elaboração de um Plano de Manejo e de Conservação Arqueológica na área delimitada, pautado nas seguintes ações:

- ✓ Delimitação do perímetro da área de abrangência dos sítios arqueológicos do sistema cárstico do rio João Rodrigues, São Desidério – BA com o objetivo de se criar uma

Unidade de Conservação a ser gerida pelos órgãos competentes pela gestão ambiental e patrimonial;

- ✓ Elaboração e execução de *Programa de Educação Patrimonial* a ser realizado com a comunidade diretamente vinculada à área, promovendo ações de mobilização junto à população de São Desidério; realizando um levantamento das referências do patrimônio material e imaterial reconhecido pela população local; promovendo a capacitação de agentes multiplicadores nas tarefas de difundir as ações de preservação e de sensibilizar a comunidade para sua apropriação dos múltiplos significados do patrimônio arqueológico regional ;
- ✓ Dar continuidade ao mapeamento, a partir da criação de um *Programa de Levantamento e Registro de Bens Arqueológicos* da área de abrangência do sistema cárstico do rio João Rodrigues, São Desidério – BA;
- ✓ Realizar um estudo sobre a capacidade de carga, que aponte os meios de regulação e controle do uso turístico, em que prevaleçam os critérios e normas exigidos pela legislação de proteção ao patrimônio ambiental e cultural da União.

Na imagem reproduzida a seguir estão indicadas as principais áreas de concentração de sítios arqueológicos referidos neste diagnóstico. A área indicada pela elipse superior se destaca pela diversidade dos sítios nela encontrados; a associações de sítios líticos, cerâmicos e históricos pode ser interpretada como evidência de um longo processo de ocupações sucessivas do local. A área circunscrita pela elipse inferior apresenta uma concentração significativa de sítios antigos associados a abrigos e grutas, sendo indicada a necessidade de urgente acautelamento, sobretudo em função da proximidade de propriedades no local, conforme argumentado anteriormente. O corredor formado entre as duas áreas foi considerado de grande potencial para novas ocorrências, sendo por isso indicada sua inclusão no perímetro de preservação das áreas arqueológicas associadas ao sistema cárstico do rio João Rodrigues, São Desidério – BA.

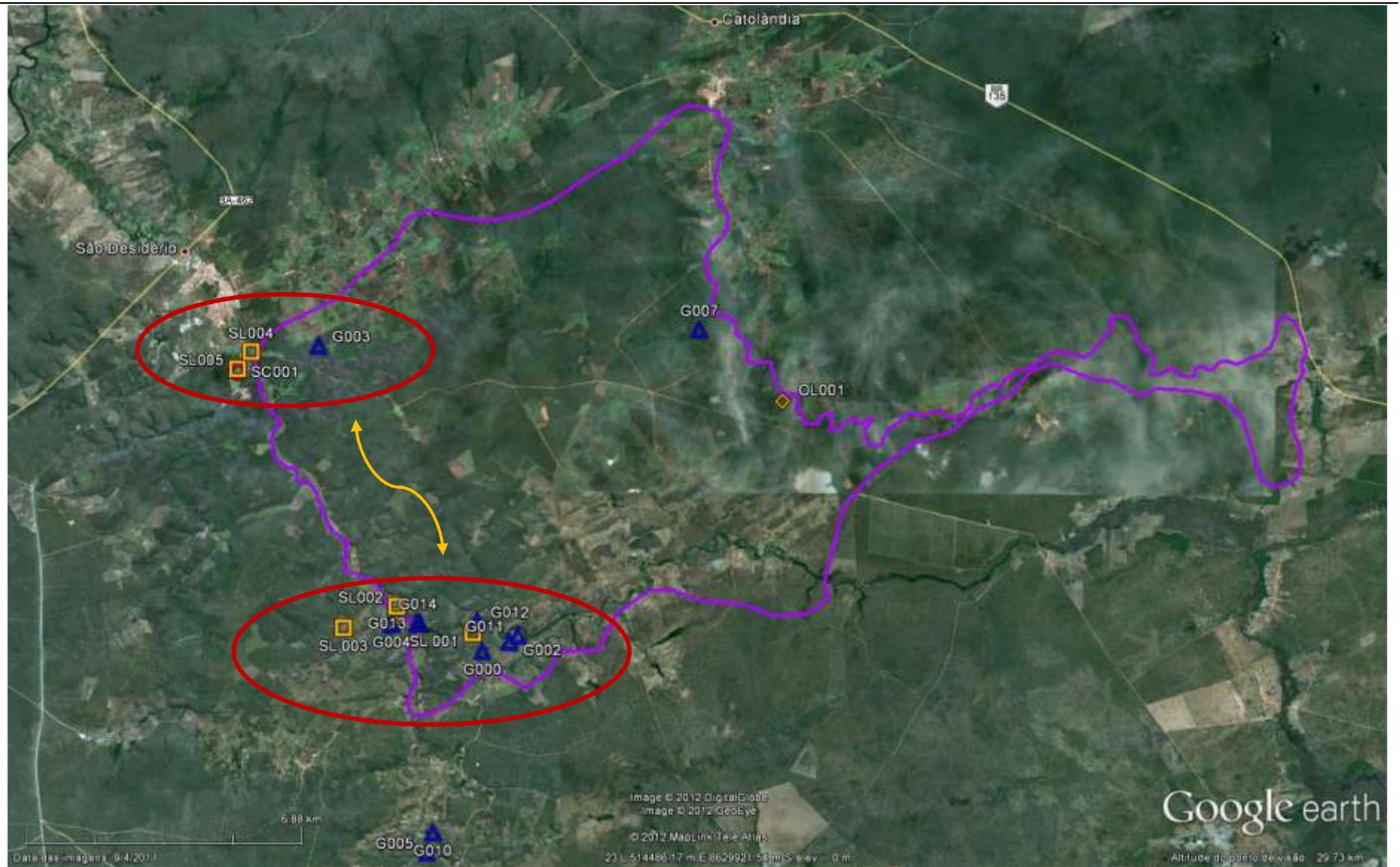


Figura 6-1: Áreas indicadas como prioritárias para as ações de acatamento dos bens arqueológicos

Quadro 6-1: Coordenadas UTM dos sítios arqueológicos.

Nome do Sítio	Coordenadas UTM (Datum WGS84)	Identificação
Sítio Tapuios do Camé	23L 0509106/8624640	G000
Gruta do Teu ou Morada do Sol	23L 0509780/8624871	G002
Morro dos Tapuias	23L 0505042/8632188	G003
Sítio da Serra (ou Olho d'Água)	23L 0506847/8625310	G004
Gruta do Chiqueiro da Beleza	23L 0509990/8625030	G011*
Sítio Grutão da Beleza	23L 0508975/8625378	G012*
Sítio Gruta da Catedral	23L 0507553/8625323	G013*
Sítio Lapa da Vaca	23L 0507498/8625341	G014*
Sítio Canyon da Beleza	23L 0508862/8625089	SL001*
Sítio do Almiro	23L 0506976/8625747	SL002*
Sítio do Edgar	23L 0505652/8625216	SL003*
Sítio Princesa Isabel	23L 0503361/8632035	SL004*
Sítio do Fuso	23L 0506982/8625510	SLC001
Sítio Senhorinha da Cruz	23L 0503022/8631532	SC001*
Sítio Fazenda Paulista	23L 0503022/8631612	SL005*

BIBLIOGRAFIA

BAETA, Alenice. Abrigo dos Tapuios. In O CARSTE – Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas. Julho 1999.

BELTRÃO, Maria da Conceição de Moraes Coutinho. Ensaio de Arqueologia: uma abordagem transdisciplinar. In M. da C. de M. Coutinho Beltrão, Rio de Janeiro. 2000.

BUENO, Lucas de Melo Reis. Variabilidade tecnológica dos sítios líticos da região do Lajeado, médio Tocantins. In UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, tese apresentada ao programa de pós-graduação em arqueologia, para obtenção do título de Doutor em Arqueologia, São Paulo – 2005.

BRYAN, Alan L.; GRHUN, Ruth. Archaeological research at six cave or rockshelter sites in interior da Bahia. In BRASILIAN STUDIES, Oregon State university, Corvallis, Oregon – 1993.

ETCHEVARNE, Carlos. A ocupação humana do nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa. In REVISTA USP, São Paulo, n.44, p. 112-141, 1999-2000.

ETCHEVARNE, Carlos. Escrito na pedra. In Carlos Etchevarne, Comitê da Cultura da Organização Odebrecht, Estado da Bahia, 2006.

GUIDON, N., PARENTI, F., DA LUZ, M. d. F., GUÉRIN, C., FAURES, M., 1994. Le plus anciens peuplement de l'Amérique : le Paléolithique du Nordeste brésilien, Bulletin de la société préhistorique française 91, 246-250.

MARTIN, Gabriela. O povoamento pré-histórico do vale do São Francisco. In UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, documento 13 – 1998.

MARTIN, Gabriela. Pré-história do nordeste do Brasil. In EDITORA UNIVERSITÁRIA DA UFPE, Recife, 2005.

PROUS, André. Arqueologia Brasileira. In EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília, DF, 1992.

RIBEIRO, Loredana. Os significados da similaridade e do contraste entre estilos rupestres, um estudo regional das gravuras e pinturas do alto-médio rio São Francisco. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em arqueologia brasileira no museu de arqueologia e etnologia da Universidade de São Paulo, maio de 2006.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; BARBOSA, Mariza de Oliveira; RIBEIRO, Maira Barberi. As pinturas do projeto Serra Geral, sudoeste da Bahia. In INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS, São Leopoldo, RS – 1997.

TELLES, Marco Antonio & PELLINI, José Roberto Márcio Antônio Telles. Levantamento arqueológico para alternativa de traçado BR 135., São Desidério, Bahia, 2011.